



• • •

Silenciário

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

*Ubaldo Cesar Balthazar*

Vice-Reitora

*Alacoque Lorenzini Erdmann*

EDITORA DA UFSC

Diretora Executiva

*Gleisy Regina Bóries Fachin*

Conselho Editorial

*Gleisy Regina Bóries Fachin* (Presidente)

*Adriano Luiz Duarte*

*Antonio de Pádua Carobrez*

*Carlos Luiz Cardoso*

*Eliete Cibele Cipriano Vaz*

*Fernando Luis Peixoto*

*Ione Ribeiro Valle*

*José Paulo Speck Pereira*

*Josimari Telino de Lacerda*

*Katia Jakovljevic Pudla Wagner*

*Luis Alberto Gómez*

*Marília de Nardin Budó*

*Sandro Braga*

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

88040-900 – Florianópolis-SC

Fone: (48) 3721-9408

[editora@contato.ufsc.br](mailto:editora@contato.ufsc.br)

[www.editora.ufsc.br](http://www.editora.ufsc.br)

Sylvio Back

# **Silenciário**

obra reunida

Capa  
Luiz Antonio Solda

© 2021 (e-book) Editora da UFSC [Nota do Editor = mesmo conteúdo]  
2021 (impresso)

Coordenação editorial:

*Flavia Vicenzi*

Capa:

*Luiz Antonio Solda*

Editoração:

*Alicia da Costa Edwirges*

*Cristiano Tarouco*

Revisão:

*Letícia Tambosi*

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

---

B126s Back, Sylvio, 1937-

Silenciário [recurso eletrônico] : obra reunida / Sylvio Back. –  
Florianópolis : Editora da UFSC, 2021.

431 p. : il.

E-book (PDF)

ISBN 978-65-5805-013-1

1. Poesia catarinense. 2. Literatura catarinense. 3. Poesia  
brasileira. I. Título.

CDU: 869.0(816.4)-1

---

Ficha catalográfica elaborada por Fabrício Silva Assumpção – CRB-14/1673



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

[br.creativecommons.org](http://br.creativecommons.org)

# Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Prefácio .....   | 7   |
| A maior diversão (inédito) .....   | 25  |
| Moedas de luz (1988) .....   | 103 |
| Yndio do Brasil – Poemas de filme (1995) .....                                 | 259 |
| Eurus (2004) .....   | 275 |
| Traduzir é poetar às avessas (Langston<br>Hughes por Sylvio Back) (2005) ..... | 357 |
| <i>Kinopoems</i> (2006/2014) .....   | 407 |
| O autor .....  | 429 |



# Prefácio

## Filmar o silêncio

Adriano Espínola

Consagrado cineasta, autor, entre outros clássicos do cinema brasileiro, de *Lance maior* (1968), *Aleluia*, *Gretchen* (1976) e *Lost Zweig* (2003), com 77 láureas nacionais e internacionais, Sylvio Back é também roteirista, contista, tradutor e escritor de longa metragem, com cerca de 25 títulos.

Como poeta, tem-se destacado pela temática erótica, que se inicia com *O caderno erótico de Sylvio Back* (1986) e vai até *Quermesse* (2013), reunião de sua poesia libertina, que o coloca como um dos principais cultores hoje do gênero no país. Sem falar que, em 2019, nos daria, nessa mesma linha, para a alegria dos leitores, um sensacional livrinho (falo, ops!, do tamanho físico) de narrativas chamado *O himeneu*.

Agora o autor nos entrega uma segunda e importante reunião de sua obra poética. Trata-se de *Silenciário*. Neste volume, encontram-se os livros *A maior diversão* (inédito, com 36 poemas), *Moedas de luz*, *Yndio do Brasil*, *Eurus*, *Traduzir é poetar às avessas* (sobre poemas de Langston Hughes) e *Kinopoems* (sobre o pintor Miguel Bakun e os poetas Cruz e Sousa e Paulo Leminski).

Destaquemos em primeiro lugar o fato de que Sylvio Back pertence a um seletivo grupo de cineastas que são também poetas de livro. O mais conhecido talvez seja Pier Paolo Pasolini. Também vale lembrar Jean Cocteau, Alejandro Jodorowsky e Jonas Mekas. Sem esquecer os nossos Glauber Rocha, com *Poemas eskolhydos* e, lá atrás, Mário Peixoto, com *Mundéu*, que teve prefácio do poeta Mário de Andrade.

Importa assinalar, em segundo lugar, que Sylvio Back entre-mostra, em muitos textos, procedimentos que estabelecem forte correlação ou mesmo complementação entre as duas artes, cinema e poesia. Não me refiro a cenas poéticas que um filme possa ter, nem a versos com imagens cinéticas. Refiro-me ao processo de criação do poema, enquanto produção verbal estruturada e específica, com seu grau de tensão e dinamismo, articulado entre os estratos fonorítmico, imagético-visual e semântico-afetivo da linguagem, capaz de provocar a sensibilidade e a imaginação do leitor. Ou seja, a emoção estética.

É o próprio autor quem, aliás, nos adverte sobre isso. No prólogo aos poemas escritos para o documentário *Yndio do Brasil*, diz que eles “protagonizam uma espécie de ‘outro filme’”, pois “engendraram sua própria espacialidade”. Para por fim indagar se seriam “poemas sem filme ou cenas de poemas? Versos entreouvistos ou fotogramas autofalantes? Poesia audiovisual ou cinema de papel?”

Essas indagações se voltam para o cerne do processo de criação não só dos poemas do aludido documentário, mas de muitos outros posteriores a esses. E aí está a meu ver a singularidade do autor. Seus poemas, em grande medida, são cenas de filmes movidos a palavras, montagens de versos que vão e voltam sequenciados, sentidos que se desdobram na rede sintática e na textura carnal dos monemas e fonemas articulados: fotogramas verbais.

Sylvio Back convoca todo um conjunto de técnicas cinematográficas e trata de filmar o silêncio da linguagem. O subentendido e o não visto, o não dito e o desdito, a falta e a fala, o obscuro e o claro, fazendo tudo isso deslizar alternativamente pelas bordas, pelas frestas dos significantes impressos neste seu *Silenciário*.

O autor não busca uma poesia cinéfila, teoricamente cinéfila, como hoje alguns intentam por aí. Ele a faz a partir mesmo de uma prática, ou melhor, de uma relação e ralação concretas com uma câmera/caneta na mão e um olho/ideia que dirige (as palavras/atores), controla (a luz/imagens), fixa a cena temática (humana/existencial/metalinguística) do poema e o movimenta. Sylvio Back, nesse sentido, realiza, a meu ver, experiência estética única, no panorama da cultura brasileira, ao fundir a *expertise* de cineasta à de poeta, como podemos depreender no poema abaixo:

*fade in* sobre obituário  
que soçobra obra pífia

*voz off* abafa intragável  
hálito de flores e velas

*plongé* do olhar lacônico  
refrata vaziez do tempo

*médium shot* de débitos  
a pagar pra nunca mais

*zoom* sobre fotograma  
avinagrado pelo enfado

*fade out* de sapato novo  
eis o peregrino do devir

*close* do ataúde lacrado  
a escandir o ricto azado

*travelling* da cremação  
é o solo hígido da dor

morte no cinema  
a maior diversão

O poema em tela chama-se “a maior diversão”. E é exatamente sob o signo do ludismo cinematográfico, do jogar/brincar com a câmera, que ele vai agora acionar as palavras na composição da obra. Para tanto, esse cineasta dublê de poeta enumera uma série de técnicas (no texto acima, em itálico) que conduz tanto à construção do filme quanto à do poema: prazerosamente. Mesmo que a cena de um ou o tema de outro seja trágico ou fúnebre – o princípio criativo é o mesmo. Como se nos dissesse que a alegria da criação artística sobrepõe-se a qualquer desdita, mesmo diante da morte.

(Entre parênteses: Glauber Rocha filmando, empolgado, o velório de Di Cavalcanti, lembra-se, ó leitor/espectador? Para em seguida dar-lhe o título sugestivamente de um verso de Augusto dos Anjos: “Vês?! Ninguém assistiu ao formidável/enterro de tua última quimera!”...)

## 2

Pois bem, pode até parecer óbvio que um cineasta de longa estrada, como Sylvio Back, faça alusões a técnicas cinematográficas na tessitura do poema. Mas não se trata tão somente de alusões; o que importa assinalar é que elas, repito, constituem procedimentos estruturais que, provindos do cinema, configuram o poema. Dou como exemplo o recurso da repetição.

Esse aspecto, aliás, já foi notado pelo poeta e crítico Felipe Fortuna, quando prefaciou o livro *Quermesse*. “A repetição atende a atributos de montagem e de construção nos poemas eróticos de Sylvio Back, considerando-se mais influência do cinema com respeito à edição narrativa”, afirma. Entretanto, ressalta que ela teria caráter mimético, pois “glosa os movimentos, a sofreguidão, o *savoir faire* dos pares e da cópula”.

Com efeito. Penso, entretanto, que tal recurso vai além da simples imitação do ato amoroso – trata-se de um dos procedimentos básicos de toda a sua poesia, sendo ela erótica ou não.

Outra coisa: tal procedimento não diz respeito somente à edição da narrativa, que seria posterior à filmagem. Decorreria antes do próprio momento da criação. Comumente o diretor faz com que os atores repitam numerosas vezes determinadas cenas. É daí que SB opera seus textos: repetindo palavras e/ou expressões, no início dos versos até chegar ao ponto desejado, ou seja, aos versos finais que súbito escapam da batida, para iluminar retrospectivamente todo o texto. Exemplo de *takes* anafóricos:

ante a lágrima arredia  
ante a súplica da alma

ante a lassidão pétrea  
ante a colossal tontura

ante o rumor derruído  
ante o nervo sanguíneo

ante o agudo alvéolo  
ante o áspero clarão

ante o iniludível flerte  
ante o inaudível falsete

a esperança é grotesca

Ou, ainda, neste outro (belo) poema:

por um instante há  
vozes às suas costas  
por um instante a  
alma que se amoita  
por um instante você  
está onde não devia  
por um instante o mar

ressoa outra infância  
por um instante o que  
surge no horizonte não  
por um instante tudo  
se volta para dentro  
por um instante a luz  
despenca feito torpor  
por um instante ouve  
-se o sibilo do finito

Essas repetições se dão por vezes no final do verso (*epífora*), de forma exaustiva, como no caso do poema “isto ainda é poesia?”, em que o adjetivo “exato” aparece 390 vezes (!) até foder com a paciência do leitor, que, embora cansado de tanta exatidão, se vê de repente iluminado/desconcertado pelos versos finais:

aleatório exato  
devoração exata

metáfora exata  
simetria exata

alucinação exata  
sintagma exato

rima exata  
arritmia exata [...]

coisidade exata  
disrupção exata

Em outros textos, a repetição é do verso inteiro (*ritornelo*), à maneira de refrão, como podemos observar, entre outros, nos poemas “Edla” (“Edla doutro lado”), “o mar de Antonina” (“o mar de Antonina/ aguarda cinzas do Back”), “vilania” (“sei, as palavras exigem pudor”),

“*nothing*” (“nada como flagrar”). Citemos sob esse aspecto o seguinte poema (“as mil leituras do poema”):

quando o poema ficar pronto  
como se devoluto o mote

quando o poema ficar pronto  
como se arremedo do verbo

quando o poema ficar pronto  
como se estorvo da estrofe

quando o poema ficar pronto  
como se remendo do verso

quando o poema ficar pronto  
como se traída a poesia

Verdade que a repetição (ou paralelismo) consiste em um dos recursos tradicionais da poesia, que vem, por exemplo, pelo menos, desde os trovadores galaico-portugueses, como nas canções de D. Dinis (1261-1325), e que modernamente foi ressaltado pelo linguista Roman Jakobson, nas finas análises fonológicas que fez de alguns poemas de Charles Baudelaire.

Mas isso na poesia de Sylvio Back ganha relevância não só pelo alto índice de ocorrência, mas também por ser proveniente mais da experiência cinematográfica e menos do pendor, digamos, cancionista do verso. Certo: em alguns poemas traços de visualidade e sonoridade se cruzam, permitindo, não obstante, uma zona *cantabile*. Um pequeno exemplo em que o desenho do poema e a repetição paralelística se juntam e giram em torno do eixo da rima toante:

Edla doutro lado  
teia  
Edla doutro lado  
gueixa

Edla doutro lado  
                                  festa  
Edla doutro lado  
                                  mecha  
[...]

Outros tantos recursos filmicos utilizados pelo poeta poderiam ser aqui alinhados, mas, por evidente limitação espacial, não podemos fazê-lo. Lembremos, não obstante, ainda de dois deles: corte e montagem.

Trata-se, como sabemos, do momento de seleção e combinação das cenas do filme. Na realização do poema, o autor opera a edição da cena (semântica) do texto, com o corte e a justaposição de duas ou mais imagens, que entram em tensão (temporal/espacial). A partir daí, os “sentidos balouçam entre si”:

rasgos do rosto prontidão  
quase à soleira da mudez

músculos braços como tal  
à prova de quem duvidar

o cúmulo erra de soslaio  
a cada mirada nova bruma

leves segredos a mancheias  
o estalo é só tripa talhada

sentidos balouçam entre si  
menos os quantos perdidos  
[...]

Sintaticamente nesse processo predomina a parataxe sobre a hipotaxe, na construção da cena: as orações/versos/imagens independem umas das outras. Ao lado disso, há o jogo da iluminação, isto é, a

fotografia do filme, com suas zonas de sombra e luz projetadas sobre o objeto. Como podemos observar neste sugestivo poema “obturador”:

é para quando  
a tempo chegar

luz quer-se no  
*black out* que se

era para quando  
em tempo chegar

morte quer-se no  
*fade out* que se

agora falta pouco

### 3

Todos os textos citados acima integram a primeira parte (“a maior diversão”) do livro, cujos versos finais (“o poema é o fogo-/fátuo da linguagem”) parecem definir, em retrospecto, a própria natureza da poesia: uma aparição ou cena luminosa verbal repentina. Tal qual a própria aparição/projeção de uma cena de um filme na tela.

Dito isso, comentemos rapidamente os poemas éditos do volume.

Em *Moedas de luz* (1988), acompanhamos um conjunto de 139 peças sequenciadas, escritas em memória da mulher, Mara, subitamente desaparecida. Espécie de docudrama pessoal, em que vai anotando poeticamente a agonia, a morte e a ausência da amada, através de textos curtos, alguns curtíssimos, em que busca registrar a dor imensa. Como neste poema de título longo (“O incomensurável desconsole das palavras”) feito de um só verso/palavra: “Pranto”. Na verdade, pela unidade temática dir-se-ia um só poema fragmentado em vários, contidos, precisos, doridos:

*“lacrima”*

Mara só consegue pensar  
até a ponta da língua.  
Na retina retina desamarras.

*“pacto de moribundos”*

quando nos encaramos,  
ela já ouvira as passadas  
do encanto;  
eu a antever-me  
desencanto.

*“de soslaio”*

no rosto  
esvaído  
o sopro  
da máscara  
mortuária

*“passaporte azul”*

tuas palavras  
contrabandeavam  
moedas de luz

Trata-se, como disse, de um docudrama, de teor elegíaco, cujo texto final remete (mais uma vez) à arte cinematográfica:

Antes que a gaze se insinuasse,  
foi rodando (rondando)  
o derradeiro fotograma,  
bruxuleante.

## 4

Na sequência do volume, temos os poemas do filme *Yndio do Brasil* (1995). Confessou-nos um dia o autor que foi durante a produção desse documentário que lhe surgiu a necessidade de expressar através de poemas aspectos do filme. O resultado dessa experiência torna bastante evidentes algumas das técnicas utilizadas na realização fílmica, entre elas a da repetição, já comentada aqui.

O conjunto é composto de apenas oito poemas + um posfácio do próprio autor, no qual confessa já na primeira frase que os poemas “nasceram para o celuloide”. Um pequeno exemplo dessa convergência intersemiótica encontra-se no texto “tribo kozák”:

hetá xetá kozák  
tela de índigos índios

hetá xetá kozák  
memo de indigno cinema

hetá xetá kozák  
mote-fátuo perpétuo

hetá xetá kozák  
a morte é esteta

hetá xetá kozák  
o filme – profeta

(Segundo nota de pé de página, Vladimir Kozák, antropólogo e cineasta tcheco, foi o único a filmar, em 1956, os índios Xetás (ou Hetás), hoje extintos, no norte do Paraná.)

No poema, a repetição do verso inicial composto de três oxítonas acentuadas em “a”, as rimas toantes e soantes em “e” (perpétuo/esteta/profeta) e o jogo aliterativo-paronomásico de algumas palavras (índi-

gos/índios/indigno; memo/mote/morte) com tônicas em “i” e “o” parecem reproduzir, com suas voltas, cenas e cantorias da tribo, uma perfeita e sugestiva combinação entre cinema e poesia, música e dança. Dança das palavras. Rodando!

## 5

Em seguida, temos *Eurus* (2004), com 52 poemas divididos em sete seções, com temas variados (a família, a cidade de Curitiba, a poesia, os amigos, o amor, a existência, etc.) e experimentações formais, notadamente visuais, na seção “haitec”, na qual presta tributo aos concretistas. Há aqui diversos poemas muito bem sacados (com a ajuda do *design* de Luiz Antonio Solda), em que o autor joga com diferentes fontes, tamanhos e posições das letras das palavras, a fim de obter inesperados significados.

Outras configurações espaciais do poema surgem distantes do, digamos, letrismo, *à la* Augusto de Campos (aliás, um dos poemas é dedicado ao poeta paulistano), como podemos observar em “*l'ennui du mythe*” e no que dá título ao livro, “*eurus*” (que significa, na mitologia grega, o vento do leste):

sobre este poema  
da página enxote  
pro nume que dá  
a lume sobre aqu  
eloutro suma com  
todos e deixe o tí  
tulo sumo do que  
um dia ex íncubo  
do verbo fora po  
esia viés que ag  
ora seria não és

O texto parece enquadrar as palavras a partir do espaço da lente de uma câmera. Apertadas, têm que se ajustar ali, mesmo desarrumadas, para significar mais, vistas (e sopradas) pelo poeta. Tensão estética para a exatidão (Valéry). Nesta seção, recursos cinematográficos continuam a repontar, aqui e ali, na estruturação formal de alguns poemas, notadamente os *takes* anafóricos e a montagem metafórica dos versos/imagens, como podemos verificar nas estrofes do poema “silenciário”, que dá título a esta reunião:

silêncio  
canivete  
suíço

silêncio  
garrote  
vil

silêncio  
haraquiri  
*zen* [...]

silêncio  
bala  
dundum

silêncio  
bolo  
fecal

silêncio  
praga  
vodu

amor  
silêncio  
*fake*

## 6

O conjunto seguinte do livro, “Traduzir é poetar às avessas” (2005), volta-se para os poemas de Langston Hughes (1902-1967). Um longo prefácio apresenta o poeta negro norte-americano ao público brasileiro. Se antes Back buscava traduzir o que via e o que inventava por ver, agora trata de reinventar em língua luso-brasílica as palavras do outro. Entram aqui em cena para serem filmados e dublados os poemas de Langston pelo poeta brasileiro, que lhes empresta a voz, até “converter-se/ao *blues*/a Hughes/subverter-se”:

Eu ficava matutando  
Sobre a vida e o fim dela –  
Acho que a diferença  
Fica entre o choro e a vela.

Eu ficava matutando  
Sobre aqui e algures –  
Acho que a distância  
É nenhures. (“Fronteira”)

\*\*\*

*I used to wonder  
About living and dying –  
I think the difference lies  
Between tears and crying.*

*I used to wonder  
About here and there –  
I think the distance  
Is nowhere. (“Border Line”)*

Muitos os acertos desta dublagem/tradução, como podemos verificar ainda neste poema:

O calmo,  
Lívido rosto do rio  
Me pediu um beijo. (“Bilhete de suicida”)

\*\*\*

*The calm,  
Cool face of the river  
Asked me for a kiss. (“Suicide’s Note”)*

Ou neste outro, carregado de sotaque catarinense:

É um  
Porre  
Ser sempre  
Pobre. (“Tédio”)

\*\*\*

*It’s such a  
Bore  
Being Always  
Poor. (“Ennuí”)*

## 7

A última parte da coleção, “*Kinopoems*” (2006/2014), já traz no título o entrelaçamento indissociável entre cinema e poesia. Versa sobre três personagens: o pintor Miguel Bakun (1909-1963) e os poetas Cruz e Sousa (1861-1898) e Paulo Leminski (1944-1989). Três artistas de vida trágica, de diferentes épocas. Três artistas convertidos em personagens da câmera de Sylvio Back, depois de poeticamente roteirizados.

O primeiro deles aparece no documentário *O auto-retrato de Bakun* (1984), cujo roteiro descreve o personagem, que cometera suicídio, repetindo-se à exaustão seu nome, acompanhado de atributos físicos, psicológicos, artísticos, biográficos, etc. Trata-se de um texto corrido, sem pontuação, a enfatizar a pluralidade e plasticidade daquele artista; daí chamar-se “Os Bakuns”. Trecho inicial:

Bakun *portrait* Bakun 3x4 Bakun em preto e branco Bakun filme 8mm Bakun velado Bakun auto-contraste Bakun decomposto Bakun mão no pescoço Bakun esfolado Bakun lágrima de metal Bakun hirsuto Bakun arbusto Bakun pessegueiros Bakun animado Bakun sortudo Bakun olho-baço Bakun riso-maroto Bakun carne-vale Bakun agri-dor [...].

O segundo personagem, *Cruz e Sousa – o poeta do Desterro* (1999), surge no longa de 86 min, em que o ator Kadu Carneiro interpreta o escritor negro, e a atriz Maria Ceíça, a sua mulher, Gavita. Não nos cabe aqui comentar o filme, apenas lembrar que é dividido em 34 quadros, correspondendo a 34 “estrofes visuais”, segundo o autor/diretor, onde busca expressar sem redundância o cerceamento social e artístico do poeta simbolista, por entre metáforas (verbais) e imagens (cênicas), em uma então sociedade carregada de preconceito racial e rivalidades literárias.

O que importa destacar, porém, nesta reunião é o texto de Back sobre ele (“A luz preta”), no qual afirma que a trajetória da vida do poeta, que sai da sua cidade, Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, para viver no Rio de Janeiro, entre 1890 e 1898, “parece um filme velado”. Diz mais: “aproximar-se dele através de sua órfica e lunar poesia será sempre uma metáfora sobre a tragédia que é ser preto no Brasil – em todos os tempos”.

Passa então a defini-lo, a partir de alguns quadros do *movie* lançado no ano do centenário da morte do poeta:

Cruz e Sousa é o vagão de gado, o cadáver tísico, batom de sangue fresco nos lábios – ao colo grávido da amada Gavita, a “preta doida” do Encantado.

Cruz e Sousa é o andor que alegre carrega as paixões pela atrizinha branca Julieta dos Santos e pela adolescente Pedra Antióquia, negra “deidade linda” – sua noiva-donzela por oito anos.

Cruz e Sousa é o tantã da musa atávica [...]

Cruz e Sousa é a sombra chinesa que passa incógnita pela sofisticada rua do Ouvidor, empobrecido, adoecido e tão “enegrecido” quanto todos os exilados pela cor.

O terceiro personagem, Paulo Leminski, vê-se logo transformado em filme, a partir do título e subtítulo: *Leminskino (um filme para ser lido)*. Tendo conhecido e se tornado amigo do autor de *Caprichos & relaxos* (1983), não foi difícil imaginar as cenas com o poeta nos anos 1980, na sua casa em Curitiba. O filme começa ali, na sala-biblioteca, com o personagem, “um homem de seus 40 anos”

De cócoras sobre roto tatame, [...] vestido de judoca (quimono ornamentado com *haicais* de Issa Bashô Alice Ruiz) medita – olhos de peixe fisgado, tez e nez de *polonais* mestiço, juba africana.

Numa das mãos, copo de cerveja sem espuma; noutra, caixa de fósforos com mirra enfiada no miolo do tampo; de uma das extremidades às vezes ele aspira vapor como se de um narguilé rimbaudiano fora.

– para terminar com um quadro em que o olhar técnico do diretor Sylvio, atento à produção da cena, se cruza com o olhar do poeta Back, filmando/lendo um outro poeta, que:

Numa fusão lenta misto de véu e céu um bem temperado feixe holográfico intumesce a tela [e]

ectoplasmando recorrentes casulos de angústias medos dores fictícias, o nosso personagem emite um belo berro de puro gozo.

## 8

Voltamos aqui à primeira parte do livro e, mais especificamente, ao poema em que Sylvio Back afirma que, mesmo diante da morte, o cinema é “a maior diversão”. Poder-se-ia assinalar o mesmo em relação ao poema. Puro gozo. Apesar das angústias, medos e dores, fictícias ou reais.

Se na irônica autodefinição deste notável e singular cineasta-poeta ou poeta-cineasta (aqui a ordem dos fatores não altera o resultado) diz que não passa de “um reles/traficante de/fotogramas”, é porque sabe perfeitamente, como todo lúcido/lúdico artista, que

estamos todos  
de lambuja

no azimute da vida  
finitude é périplo

• • •

# A maior diversão

(inédito)



O poema é feito de palavras, sim,  
mas, tirando as palavras,  
o poema permanece.

*Yang Wan-li (1127-1206)*

A verdade começa onde a poesia termina.

*Laura (Riding) Jackson (1901-1991)*

Somos tão estrangeiros nesta vida.

*Helena Kolody (1912-2004)*



# ante

ante a lágrima arredia  
ante a súplica da alma

ante a lassidão pétrea  
ante a colossal tontura

ante o rumor derruído  
ante o nervo sanguíneo

ante o agudo alvéolo  
ante o áspero clarão

ante o iniludível flerte  
ante o inaudível falsete

a esperança é grotesca

# o filho de dona Else ou parecia filme do Hitchcock

eu me encolhi  
mui encolhidinha  
(não sou boba, viu?)  
olhou um olhou outro  
ficou aquela fuzilaria  
tremelicando  
parecia filme do Hitchcock  
(era à tardinha é noite)  
nem transpirava mais  
os passos deles explosão  
de címbalos  
ou grunhidos  
como se destes pinheiros  
caíssem grimpas sobre nós  
a pressa é  
toda criminosa (logo eu  
criminosa!)

parecia filme do Hitchcock  
a nudez se resumia ao lusco  
-fusco  
louras estrelas que já vinham  
(adivinhas)  
naquela ferrugem vi-me  
no alto da *Golden Gate*  
(ventos aturdidos pela fuga)  
sobre vidas a louvar  
uma eternidade  
ouvindo engodos  
zurros de granizo  
um quê de grave tropeço  
fatal e inviável  
parecia filme do Hitchcock  
(o mantra do vislumbre)  
nunca ficamos tão a sós  
(como agora)  
não me reconhecia  
eu apenas me havia  
*ex abrupto*  
baixou cheiro de acetato  
novinho em folha  
parecia filme do Hitchcock

febrão cinéfilo  
era o que ainda  
consegua articular  
mas riu (gengivas lívias  
de 1997)  
memo incrivelmente  
espesso  
a tela arquejou  
(como um esquecimento)  
parecia filme do Hitchcock  
ela foi empertigando  
ninguém se deu conta  
sorte nossa  
(balbuciou salobra)  
nem todas as lágrimas  
(contorcendo as garras  
cianóticas)  
nadaram em vão  
parecia filme do Hitchcock  
o dia da última  
vez que vi minha mãe

## a queda

no que o poema puir  
ainda tem conserto

no breu do quarto  
a urgência é vetusta

há previsão de dor  
há espectro de névoa

uma a uma tensões  
remontam a jusante

melhor seria implodir  
não houvesse verso

prepare-se: a queda  
da palavra soa à lata

# hóspede

que diriam da surdina  
o vértice e a cicatriz

insuspeitos sussurros  
amperagem do limite

matematicamente no  
horário como tortura

se lágrima fosse seria  
apenas um presságio

todas elas descendo  
travo incenso do tédio

o que reparar senão  
neste altivo hóspede

# vesperal

A morte é o fim das imagens.

*Rumi (1207-1273)*

morte instinta  
morte extinta  
morte zen  
morte senda  
morte vizinha  
morte Morfeu  
morte maldita  
morte novelo  
morte improvável  
morte gratuita  
morte vigília  
morte secreta  
morte canga  
morte silente  
morte exangue  
morte imatura

morte nascitura  
morte súbita  
morte autômata  
morte brandida  
morte bandida  
morte imensa  
morte nojenta  
morte contingente  
morte lenta  
morte bênção  
morte emoliente  
morte solerte  
morte faroeste  
morte *fake*  
morte tecida  
morte curare  
morte estupor  
morte devida  
morte trágica  
morte pendente  
morte sorridente  
morte opaca  
morte danação  
morte disjuntiva  
morte quebranto  
morte arrastada

morte anseio  
morte galope  
morte maratona  
morte relâmpago  
morte sonâmbula  
morte tratante  
morte solitária  
morte frágil  
morte ignara  
morte refratária  
morte cavada  
morte inabitável  
morte corte  
morte rasa  
morte insubornável  
morte transitória  
morte manca  
morte dádiva  
morte estepe  
morte canina  
morte temente  
morte nova  
morte espessa  
morte resiliente  
morte rasteira

morte donzela  
morte tic-tac  
morte imóvel  
morte vivaz  
morte feliz  
morte estoica  
morte ancestral  
morte escrota  
morte heroica  
morte fado  
morte ácida  
morte cetim  
morte radar  
morte letargo  
morte *siesta*  
morte olvido  
morte má  
morte agônica  
morte ciã  
morte cárcere  
morte recidiva  
morte mecânica  
morte pasmo  
morte fonte

morte prévia  
morte nua  
morte tediosa  
morte traíra  
morte zelosa  
morte estepe  
morte imiscível  
morte mentirosa  
morte zás-trás  
morte repto  
morte repulsiva  
morte provisória  
morte grogue  
morte esquisita  
morte réptil  
morte colmeia  
morte incontinente  
morte capeta  
morte insone  
morte aberta  
morte caluda  
morte ideal  
morte obscena  
morte cabum  
morte remanso

morte moída  
morte besta  
morte intensa  
morte extensa  
morte semiótica  
morte oceânica  
morte acaso  
morte alcoviteira  
morte apenas  
morte apensa  
morte fotogênica  
morte eterna  
morte herética  
morte tempestiva  
morte fecunda  
morte *Gestalt*  
morte recôndita  
morte morrida  
morte matada  
morte profunda  
morte avara  
morte pronta  
morte empírica  
morte gasosa

morte gozosa  
morte formol  
morte formal  
morte inextricável  
morte incapsulável  
morte inextirpável  
morte incaptável  
morte impecável  
morte vital  
morte mérito  
morte *sine die*  
morte mote  
morte verme  
morte formosa  
morte verve  
morte consorte

metamorfose

# Edla

Edla doutro lado  
teia

Edla doutro lado  
gueixa

Edla doutro lado  
festa

Edla doutro lado  
mecha

Edla doutro lado  
geleia

Edla doutro lado  
anelo

Edla doutro lado  
esperma

Edla doutro lado  
poeta

Edla doutro lado  
espelho

Edla doutro lado  
espera

Edla doutro lado  
tela

Edla doutro lado  
estrela

Edla alhures  
Edla nenhures

# corporeidade

quando as coisas  
passam raspando  
(haja invisibilidade)  
sibilando  
(batem na trave)  
então pasmem  
(!)

rua não entram ficam na  
campainha não tocam a  
desarvoram a alma tocam e

(como ser sido e não é)  
passam rapidinho  
de soslaio  
roçam meio às cegas  
(tangência é *second life*)

palavras vozes motes  
ignotas ágoras  
(por um triz)  
os personagens e  
desvãos  
*du coeur*  
contornam o ar  
(presente o que se presente)  
de longe como se  
exíguos fossem  
passam raspando  
(a toda hora e a toda)  
de fininho a crosta  
das feridas  
perfura pintas de  
beleza  
rombos horríveis a  
mente  
sucumbe  
(grau zero)  
o que resta é película  
tudo zarpa rascante  
(feito o tiro do mocinho)  
como sarar da sina  
se ela passar rente

## a nave

tanto silêncio é  
lonjura íngreme

anódina paisagem  
símile de si mesma

sem arredar o pé  
cochichos pendem

aos sobressaltos  
quando infundem

completude a sete  
palmas de fundura

# vai dar tempo

toda soberba  
toda cobiça  
toda ambição  
    toda vaidade  
    todo agouro  
    todo tesão  
toda vingança  
todo rancor  
toda traição  
    todo remorso  
    toda inveja  
    todo perdão  
todo tédio  
toda angústia  
todo engano  
    toda ira  
    toda utopia  
    toda ziquizira

fique donde estás  
teu prazo expirou

## a melhor hora pra chorar

é quando se acorda mas  
procure antes dormir bem  
da cama pule feito criança  
espere pelo fim do bocejo  
ande pela casa sem rumo  
evite tomar água ou leite  
não escute música alguma  
lavar o rosto nem pensar  
trate de enlanguescer gestos  
esqueça os pássaros da janela  
nada de ânsias por comida  
passe ao largo do espelho  
a vontade batendo cantarole  
curve-se como a sentir alívio  
instale os ouvidos nas paredes  
confira se completo o deserto  
nem permita o olhar do gato  
desligue-se dos ruídos da rua  
se preferir rodopie pela sala  
consERVE o humor a todo custo  
escolha com critério a poltrona  
aninhe-se nela à moda conchinha  
prefigure se tudo está conforme  
tome-se de tempo ele lhe falta  
consulte a alma como quem fala  
não se prepare para o inusitado  
qualquer premeditação é falsa  
afunde o corpo que ficou pluma

das coxas há que vir o cortejo  
(porque delas nunca se saberá)  
súbito um afrouxamento no peito  
súbito a existência parece solúvel  
súbito a rara euforia do capeta  
súbito murchas lágrimas  
se empilham  
súbito narinas e boca  
se amargam  
súbito a garganta abre-se  
em leque  
súbito  
o silêncio inteiro se ajoelha  
súbito  
um rubor aturdido se alumia  
súbito  
os artelhos fluem até o teto  
súbito  
uma verdeza despenca luzidia  
súbito  
solidão alguma é tão abissal  
súbito  
evola-se a urgência do verbo  
  
a melhor hora pra chorar

# superfícies

poema nunca houve  
só (mais) arbustos  
no hangar do estro  
arqueólogo  
(a menos)  
de epidermes  
o verbo pendente  
estamparias  
o que (a menor) se sabe  
vaza purulento  
como se a destocar  
um nada (a maior)  
por outrem  
aonde?

## por desoras

que seria do milionésimo  
segundo se depois fosse

fado solo à espreita todo  
retorcido por denso sono

subtraindo-se à pele lume  
que evanesce ao supremo

toque para torná-lo ainda  
mais insosso e impassível

pálpebras que amolecem  
solertes pétalas de livros

a quatro chaves o destino  
submisso qual batimento

deste átomo a esquartejar  
sem perdão por desoras

# o mar de Antonina

só campeão de remo  
acorda com câimbra

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só as escadarias da rua  
que sobe e desce é mãe

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só os caranguejos do  
trápiche são carnívoros

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só latido de cachorro louco  
é cicatriz que dói na hora

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só o pôr do sol nas ondas  
da Ponta da Pita é pornô

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só gozos traíras jamais  
acodem a solidão do desejo

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só o baticum dos Apinajés  
zune nos idos da amnésia

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só bolinhas de búrigo  
calcinam os nós do mindinho

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só maresia de maré alta  
recende a trelelê da mente

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só os risos esconsos da  
chacota provocam calafrios

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só saliva do avô gruda  
na serrilha do Olho de Boi

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só apito de navio assanha  
os gatinhos Anton & Nina

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só as tretas do pai ainda  
humilham sob o tapete

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só amor antigo resiste  
às águas-vivas do Atlântico

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só fotogramas de *pin-ups*  
viram escamas *technicolor*

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só atropelando o destino  
que a alma veio até aqui

o mar de Antonina  
aguarda cinzas do Back

só poema assoprado na  
vigília revela sua quilha

o mar de Antonina  
guarda cinzas do Back

# obturador

é para quando  
a tempo chegar

luz quer-se no  
*black out* que se

era para quando  
em tempo chegar

morte quer-se no  
*fade out* que se

agora falta pouco

# minimal

|                       |                          |
|-----------------------|--------------------------|
| feminino-ímã          | feminina- <i>mystery</i> |
| feminino-irmã         | feminina- <i>misery</i>  |
| feminino-miragem      | feminina-hodierna        |
| feminino-rimagem      | feminina-eterna          |
| feminino-camafeu      | feminina-siririca        |
| feminino-himeneu      | feminina-sodomita        |
| feminino-clone        | feminina- <i>Mutter</i>  |
| feminino-clown        | feminina- <i>Vater</i>   |
| feminino-aquém        | feminina-vândalo         |
| feminino-além         | feminina-tântalo         |
| feminino-sismo        | feminina-fado            |
| feminino-cisma        | feminina-foda            |
| feminino-objeto       | feminina-feminino        |
| feminino-abjeto       | feminina-efeminino       |
| feminino-proveta      | feminina-dilema          |
| feminino-boceta       | feminina-poema           |
| feminino- <i>niño</i> | feminina-madona          |
| feminino-ninho        | feminina-nonada          |

# colheita

no litoral da cama ver  
os pés descalços o que  
é lembrado é esquecido

ninguém vive o que não  
for e será derretido no  
solstício do estertor

colher a mora enquanto  
a espinha estiver ereta  
estorno fero do morgue

## cores

carne branca  
vulva fulva  
inocência branca

cabelos loiros  
olhos lazúli  
violência preta

destino festivo  
armadilha velada  
inocência branca

fúria protagonista  
dor antagonista  
violência vermelha

lábios macerados  
seios devassos  
inocência preta

ódio estrangeiro  
vingança atávica  
violência branca

hímen riscado  
flagelo agônico  
inocência vermelha

boca esgazeada  
grito de socorro  
violência preta

estupor mortal  
surto hemorrágico  
inocência branca

luxúria incandescente  
fastio repentino  
violência vermelha

sarcasmo em série  
síndrome Estocolmo  
inocência preta

entojo do outro  
nojo da humanidade  
violência branca

desmaio da vontade  
vigília da ferida  
inocência preta

adultos macabros  
fealdade adolescente  
violência vermelha

silêncio cúmplice  
impunidade certa  
inocência branca

o terror é incolor

## *afuera*

de braços abertos eis a névoa primeva  
no meio de gravosos risos que seriam  
os vindos de *afuera* um microaceno  
debruando mortijas lembranças súbito  
recompostas como de papel-carbono  
nada são dores em pó rotos fretes  
ao infindo repertório de sustos que  
inúteis remontam para atemorizar  
quando tudo decantar e todos atados  
onde deveriam ficar para sempre

## o menino

siso prematuro cascos  
de morcego a voejar  
no olho não desgrudam  
a borra é neblina que  
recobre a membrana  
o menino algo assim  
pomposo fabula com  
que possa ser o duplo  
de si atolado dividindo  
as labaredas do que foi  
pois físgam sem parar  
o monstrengo é preto  
onisciente que a têmpera  
deixou intacto por anos  
nas lembranças alças e  
madrastas que retocam  
o cenário para detonar  
gorjeios sórdidos a nunca  
mais torniquetes ferozes  
ticam a medusa caquética  
da qual rebrilham gosma  
e estalactites perdidas  
cadê o menino, então?

## por um instante

por um instante há  
vozes às suas costas  
por um instante a  
alma que se amoita  
por um instante você  
está onde não devia  
por um instante o mar  
ressoa outra infância  
por um instante o que  
surge no horizonte não  
por um instante tudo  
se volta para dentro  
por um instante a luz  
despenca feito torpor  
por um instante ouve  
-se o sibilo do finito

## o porão

o que dizer de um porão  
com três paredes se havia  
uma claraboia baça e um  
bordado de arame em arco  
nada que anunciasse o fim  
os ovos são cortados à faca  
enquanto fundos de garrafa  
açulam lábios e línguas e a  
fumaça corrói os agasalhos  
finos de uma estiagem tal  
que sobe do lago vizinho  
onde peixes boiam balofos  
a retina atolada como se  
visse a quarta parede ela  
ficou no além-mar onde  
estrelas tombam maceradas  
pelo olvido asseio reluzente  
os dedos da irmã recontam  
o eco de saltos pés passos  
na esperança que o sono  
devolva o verão vez por  
outra sempre uma saudade  
pra frente com bolo café  
geleia de amora da casa  
de bonecas tão alta quanto  
a roda-gigante do calendário  
um navio que possa singrar  
as ruas de Curitiba sem

despejar lodo no abajur  
chinês na pia o vaso fedido  
cujo sifão seca todas ilusões  
de a cama junto à porta  
um dia correr para o centro  
crente que jamais as pernas  
caíssem ao léu da insônia  
na preguiça matinal açoite  
de pneus pó ratos calotas  
em zigue-zague mancos  
biombos simulando sutis  
aconchegos cheios de mãe  
o avental encardido fogo  
à marmitta quem dirá que  
o frio é tato a broa dormida  
rançosa a manteiga (salve  
-se o queijo bichado) alemão  
é assim mesmo pois a vida  
não virá nem agora nem  
depois talvez não venha  
jamais só como atalho da  
última maldita parede basta  
o breu do teto os recantos  
descolados da trincheira  
trovão de sol lascas da noite  
que precisam do amanhecer  
são ares patinando pra sair  
do céu a penumbra do cão  
arranha olhos medonhos  
e deixa a todos atônitos  
o porão recomeça o seu  
tropel sem dó nem piedade

## as palavras exigem pudor

sei, as palavras exigem pudor  
trespassá-las no livro o livro  
todo ardiloso e dissimulado sei,  
sei, as palavras exigem pudor  
poesia é vilania por tanto e tão  
pouco se repleta de impurezas  
sei, as palavras exigem pudor  
usá-las no extenso do verso é  
desconhecer mistério e poder  
sei, as palavras exigem pudor  
impunes há que revirá-las sei,  
sei, de *per si* purgam qualquer  
senso premeditado impondo  
o que jamais fora (tá lá! ora)  
palavra alguma é inoxidável  
submerge sim à estafa do ofício

# miosótis

goela abaixo do verbo  
inundação argêntea

são inúteis súplicas de  
Eros ébrio uma leseira

paralisante nada se diz  
que já não se saiba um

farfalhar de fundo falso  
remói e corrói o córtex

amarelo coágulo perfurado  
de incontornável agonia

penúltimo bafejo do que  
seja amar líquido e certo

## a maior diversão

*fade in* sobre obituário  
que soçobra obra pífia

*voz off* abafa intragável  
hálito de flores e velas

*plongé* do olhar lacônico  
refrata vaziez do tempo

*médium shot* de débitos  
a pagar pra nunca mais

*zoom* sobre fotograma  
avinagrado pelo enfado

*fade out* de sapato novo  
eis o peregrino do devir

*close* do ataúde lacrado  
a escandir o ricto azado

*travelling* da cremação  
é o solo hígido da dor

morte no cinema  
a maior diversão

# *nothing*

*Poetry makes nothing happen.*

W. H. Auden (1907-1973)

nada como flagrar  
o poema no escorço  
nada como flagrar  
o poema no ponto  
nada como flagrar  
o poema no apronto  
nada como flagrar  
o poema na memória  
nada como flagrar  
o poema no olhar  
nada como flagrar  
o poema na dúvida  
nada como flagrar  
o poema na boca  
nada como flagrar  
o poema na emoção  
nada como flagrar  
o poema na véspera  
nada como flagrar  
o poema no gozo  
nada como flagrar  
o poema no vácuo  
nada como flagrar  
o poema na intenção

nada como flagrar  
o poema no acerto  
nada como flagrar  
o poema no susto  
nada como flagrar  
o poema no sono  
nada como flagrar  
o poema na inércia  
nada como flagrar  
o poema na espera  
nada como flagrar  
o poema na casca

*poetry is  
utterly  
something*

## verbete

o passado é de aço  
sua impermeabilidade  
a ver se o passo cede

atrás dos olhos fagulhas  
mas no pensamento não  
redemoinho veloz e atroz

busca cruenta que arquiva  
obras do verbo entreabertas  
algo que reverta o interdito

oráculo venial o passado  
em sua hipérbole (eu diria)  
funéreos todos os lampejos

# delusão

como que uma rocha  
a nitroglicerina d'alma  
se congela em degraus  
escorregadios às voltas  
com limo de anteontem  
perdido ao menor gesto  
como que um hiato  
gaiato olho de morto  
-vivo se reveza na dor  
sem se dar conta mas  
lacera qual ferroadas  
cobre passos e abraços  
e delusão nenhuma ou  
seja haver-se à forra  
melhor ficar a fim onde  
fustigar não há por quê

# o escaravelho

seja feito o belo escaravelho  
que cruza  
os sentidos (inadvertido)  
como o  
suntuoso  
escaravelho  
na areia  
movediça  
feito a musa amnésica  
esgueira-se  
pelo  
peito  
de arfar ambíguo e  
roçando  
a escama dos lábios (bebendo) a  
saliva  
feito uma (inconsútil)  
memória de  
corações  
antes tidos  
que  
havidos  
o formoso escaravelho não quer saber  
ele trepa no  
olvido  
(escorre pela  
memória)

e célere deita-se sobre as pálpebras  
nada  
(doravante)  
o impede  
de fazer uso  
de  
toda feitiçaria  
nada (mais) o impede (quase nada)  
de entrever o visto  
feito o ziguezaguear do insigne  
escaravelho  
(já senhor da  
imortalidade  
dos desejos)  
esguicha  
sobre  
seus olhos  
a luz a  
sombra  
o claro-escuro  
nitidez de sua vingança tardia  
mas é vingança (mesmo que tardia)  
porque  
(sabe) da  
sua vítima  
ele sabe!  
no bodum amaro do escaravelho  
carma  
(da paixão)  
inapagável  
feito incêndio de cinemateca

# as mil leituras do poema

quando o poema ficar pronto  
como se devoluto o mote

quando o poema ficar pronto  
como se arremedo do verbo

quando o poema ficar pronto  
como se estorvo da estrofe

quando o poema ficar pronto  
como se remendo do verso

quando o poema ficar pronto  
como se traída a poesia

## charcos de Blumenau

a água que verte  
assopra o fogo  
que enxágua  
a foto e os bocejos  
do gato (rueiro)  
na relva furta-cor  
é o menino sem fôlego  
– *un homme sans avenir*  
o tempo fechou  
(incógnito)  
um pai no trapiche  
(da ausência)  
a mãe de quatro  
(na saudade)  
lustra tábuas corridas  
(desatino)  
a surra de cabide  
de quem deveria encolher-  
se e comover-se  
– a cama em desalinho  
coxas alvas troca-troca  
de fronhas (Hedy Lamarr  
e toda sua nudez primeva)  
o corredor (oco)  
a vagina (*idem*)  
orgasmos (*ibidem*)  
uma Blumenau  
apócrifa & incestuosa

(teus nascituros te querem  
pelas costas)  
três bromélias  
duas ostras (podres)  
mais gemas *crudas*  
panquecas de uvas fritas  
o vento sul do Itajaí-Açu  
trincando resmas de geada  
memo a remoer  
(inutilmente)  
*Bad Honnef*  
que aparece e reaparece  
à sorrelfa  
*Mutter und Butter*  
(ambas feito pedra derretida)  
a ninguém ocorre  
tocar no assunto  
(então)  
por que  
(concubina viuvez)  
baralho cartório opróbrio  
a suástica  
(dívidas de gaveta)  
praquê empilhar alegrias  
se não as havia  
(se hoje as há senis)  
pra que servem  
– *insight* confidencial  
uma alemoa  
(guizos à guisa de riso)  
são mechas inconsúteis  
coque troncho  
coágulos de angústia  
(vesgos)

baratas de pernas pro ar  
carreiros feçais pelos cantos  
tiquinho de lavanda  
(salobra)  
– a vida prega cada peça  
(e mui depressa)  
a duras penas olhadelas  
(tão baças quanto)  
entornam no vaivém  
do convés  
– maresia do que viria veio  
(*y se evaporó sin dolor*)  
um homem fora do nome  
de (chapéu) Panamá  
o granizo o salto o estribo  
aquele potente Ford 39  
a empáfia (não) combina  
(ao contrário)  
lídimo tédio  
(o de sempre)  
féretro de tolos  
anoiteceres  
nem o chap-chap dos remos  
(como suportar a lonjura de  
Camboriú)  
garranchos góticos  
em papel de embrulho  
um sujeito fora de esquadro  
de fato um todo que (se)  
funde  
(no futuro do pretérito)  
reticente  
cartas esconjuram  
a fuselagem do imperador

que pula de banda a cabeça  
entorta  
ainda bem  
o nimbo remoçou o  
horizonte  
colado ao vetusto chapéu  
(Panamá)  
ei-lo trêmulo porém em foco  
– o *self-portrait* do ínclito  
magiar  
(sim nada de mais  
apenas um caixeiro-viajante  
nos charcos de Blumenau  
fazendo pose)  
súbito tudo se dissipa  
ante uma voz pouca  
que pede arrego  
(e guarida)  
– borrão *déjà vu et déjà lu*  
a desrama dos galhos  
ameaça a zoeira  
dos eucaliptos  
qualquer alarido  
(mínimo que seja)  
disfarça (e é)  
– um puta insulto  
melhor abortar já  
(mas já mesmo!)  
o *click* alcaguete da Leica  
(assim)  
fica o dito pelo não dito  
(ou melhor)  
deixe estar pra ver  
como fica

(umas incontornáveis  
outras nem tanto)  
*big* solidão  
(antiga)  
torção  
que se afia na mente  
de tempos em tempos

## por último

dois pesos duas medidas  
equivalem a peso morto

até que se mantenha  
de esquelha o tombo é

espécime de pré-goço  
desvencilhe-se do joio

não há como atravessar  
a extensão do lençol se

um velo ocre cobre o céu  
do quarto como câmara

ardente de pessoas ali  
batendo na oca madeira

o despertar será dádiva  
de quem ficou por último

# o lugar

*para Vladimir Carvalho*

nem obra  
    leva ao lugar  
nem Eros  
    leva ao lugar  
nem amor  
    leva ao lugar  
nem berço  
    leva ao lugar  
nem glória  
    leva ao lugar  
nem amigo  
    leva ao lugar  
nem desejo  
    leva ao lugar  
nem oração  
    leva ao lugar  
nem justiça  
    leva ao lugar  
nem solidão  
    leva ao lugar  
nem ousadia  
    leva ao lugar  
nem retidão  
    leva ao lugar

nem dinheiro  
    leva ao lugar  
nem memória  
    leva ao lugar  
nem reconhecimento  
    leva ao lugar  
nem paciência  
    leva ao lugar  
nem competência  
    leva ao lugar  
nem probabilidade  
    leva ao lugar  
nem talento  
    leva ao lugar  
nem persistência  
    leva ao lugar  
nem posteridade  
    leva ao lugar  
nem a morte  
    leva ao lugar

    fugaz o lugar  
    vadia a utopia

# halos

carne halo liquescente  
gesto ínvio a contrapelo

tudo só superfície do corpo  
o insuficiente o infindável

à espreita silhueta derruída  
demos gozosos imersão

cópia de entreatos amaros  
algo imemorial deve ficar

até o desejo azado é adiado  
pouco ou nada tende a vir

por onde escorrer silêncio  
trevas ardosas se aviam

o que já foi inteiro  
não estilhaça assim

## muito tarde

rasgos do rosto prontidão  
quase à soleira da mudez

músculos baços como tal  
à prova de quem duvidar

o cúmulo erra de soslaio  
a cada mirada nova bruma

leves segredos a mancheias  
o estalo é só tripa talhada

sentidos balouçam entre si  
menos os quantos perdidos

verter-se à réstia cambiante  
ou acordar seria uma lástima

o melhor silêncio improvável  
agora já é (era) muito tarde

# Theo Back (1990-2014)

*in memoriam*

como estará o  
menino do vinil  
sorriso cândido  
lúmen dançante

como estará o  
menino do vinil  
mestre da gesta  
arauto da aurora

como estará o  
menino do vinil  
proscênio ínvio  
cortejo fêmeo

como estará o  
menino do vinil  
gaze espectral  
acres lágrimas

como estará o  
menino do vinil  
agora não tem  
como: és outro

# isto ainda é poesia?

A poesia é a tensão para a exatidão.

*Paul Valéry (1871-1945)*

aleatório exato  
devoração exata

metáfora exata  
simetria exata

alucinação exata  
sintagma exato

rima exata  
arritmia exata

cintilância exata  
fissão exata

equívoco exato  
epifania exata

coisidade exata  
disrupção exata

ousadia exata  
encantatório exato

espacialidade exata  
polissemia exata

imanência exata  
desistência exata

significante exato  
contingente exato

informulável exato  
demonstrável exato

arbítrio exato  
metonímico exato

memória exata  
palinódia exata

têmpera exata  
sema exato

subserviência exata  
conotação exata

alusão exata  
elisão exata

virtual exato  
radical exato

écfrase exata  
ignorância exata

transmente exata  
desarticulação exata

anticlímax exato  
antítese exata

idioleto exato  
agon exato

anáfora exata  
epífora exata

atingimento exato  
distração exata

extensível exato  
radiância exata

lapso exato  
húbris exato

dissímil exato  
inutensílio exato

lateralidade exata  
contrassenso exato

tradição exata  
introdução exata

presságio exato  
quiasmo exato

aspersão exata  
irradiação exata

filigrana exata  
fulgor exato

desastre exato  
simulacro exato

primitivo exato  
atavio exato

arrazoado exato  
esparolado exato

inesperado exato  
desespero exato

háptico exato  
deslize exato

irresvalável exato  
subjacente exato

sabedoria exata  
*télos* exato

efusão exata  
presunção exata

labilidade exata  
vaguidade exata

infando exato  
incondizente exato

adivinhação exata  
acrônimo exato

pregnância exata  
*locus* exato

indecifrado exato  
irremissível exato

deboche exato  
lacuna exata

causalidade exata  
contíguo exato

concerto exato  
plenitude exata

catálise exata  
alteridade exata

onírico exato  
escansão exata

silêncio exato  
instigância exata

remate exato  
rejúbilo exato

atrevimento exato  
primeiridade exata

caos exato  
acaso exato

escatologia exata  
sobrerrima exata

imbricação exata  
sacralização exata

tentame exato  
desencanto exato

labirinto exato  
ínfimo exato

presciência exata  
colchete exato

indução exata  
interversão exata

grafema exato  
efêmero exato

equidade exata  
inexequível exato

vituperação exata  
resiliência exata

oximoro exato  
evasivo exato

transtorno exato  
despolido exato

acolhimento exato  
deturpação exata

incompreensão exata  
refingimento exato

tamisação exata  
simultâneo exato

logopedia exata  
melopeia exata

incoerência exata  
assonância exata

outridade exata  
orientado exato

icônico exato  
movência exata

refinamento exato  
assemblagem exata

hiperestesia exata  
estrambote exato

fractal exato  
abstração exata

ginga exata  
isotopia exata

autoironia exata  
viso exato

hipóstase exata  
refrão exato

coda exata  
exórdio exato

prolação exata  
desenlace exato

escárnio exato  
inclinação exata

rumor exato  
humor exato

transliteração exata  
dispersão exata

prisma exato  
imediatez exata

significado exato  
insensatez exata

declínio exato  
tardividade exata

infalível exato  
infactível exato

simbólico exato  
torção exata

mal dizer exato  
pentâmetro exato

apotegma exato  
enigma exato

*tópos* exato  
tropo exato

inciso exato  
conciso exato

alumbramento exato  
pertencimento exato

recorrência exata  
inuberância exata

emocionário exato  
comoção exata

hiperestesia exata  
hierofania exata

negativismo exato  
derruimento exato

desbaste exato  
coloquial exato

transversalidade exata  
inapreensível exato

erudição exata  
obsessão exata

desideologia exata  
ductilidade exata

aliteração exata  
dessueto exato

inexprimível exato  
demonização exata

urdidura exata  
rasura exata

fragmento exato  
celebratório exato

lúdico exato  
dúvida exata

dúbio exato  
absurdidade exata

agonia exata  
mímese exata

agoridade exata  
opacidade exata

fúria exata  
limpidez exata

carnavalização exata  
desproporção exata

obsceno exato  
ironia exata

sinceridade exata  
incompletude exata

noese exata  
analogia exata

ulterioridade exata  
desrazão exata

fugidio exato  
equilíbrio exato

corrosão exata  
figuração exata

tédio exato  
epos exato

instabilidade exata  
iambo exato

ortônimo exato  
vácuo exato

sinestesia exata  
fantasmagoria exata

amálgama exato  
êxtase exato

antidenotativo exato  
inextricável exato

*persona* exata  
arcano exato

inexplicável exato  
intertextualidade exata

desviante exato  
craveira exata

metalinguagem exata  
decalagem exata

signo exato  
cotidiano exato

excisão exata  
contiguidade exata

ultraje exato  
vislumbre exato

palíndromo exato  
desejo exato

disjunção exata  
diluição exata

patético exato  
sincrético exato

mote exato  
recorte exato

hemistíquio exato  
dialética exata

timbre exato  
diacronia exata

coleante exato  
circunstante exato

aporia exata  
fático exato

potens exato  
divinatório exato

influência exata  
disfarce exato

paráfrase exata  
perífrase exata

sublime exato  
holístico exato

desvelar exato  
desregrar exato

distensão exata  
estridência exata

abstrato exato  
antecanto exato

hierático exato  
abdução exata

numinoso exato  
contenção exata

rabisco exato  
tensão exata

ermamento exato  
coalescência exata

invadeável exato  
gratuidade exata

desordem exata  
envieso exato

verificação exata  
futuridade exata

primícia exata  
desnorte exato

dúplice exato  
substantivo exato

indefinitude exata  
chiste exato

desvio exato  
mentira exata

postição exato  
inexaurível exato

errância exata  
negação exata

arremedo exato  
*make it new* exato

espanto exato  
literalidade exata

encravação exata  
ilibação exata

cesura exata  
enervação exata

limite exato  
tautologia exata

proesia exata  
refração exata

entrelaçar exato  
excitação exata

dístico exato  
assombro exato

*enjambement* exato  
intransitividade exata

libertinagem exata  
inteligível exato

alternância exata  
concebível exato

alquimia exata  
mnemônica exata

ebriez exata  
inebriante exato

catacrese exata  
*fiat* exato

sinuosidade exata  
simultâneo exato

convulsível exato  
nadificação exata

espondeu exato  
veneração exata

deslize exato  
decibilidade exata

dizível exato  
irisação exata

paralelismo exato  
pastiche exato

indecomponível exato  
irreproduzível exato

antinomia exata  
deslocar exato

indeterminância exata  
atratividade exata

revelatório exato  
atraso exato

volúpia exata  
cintilação exata

cáustico exato  
atreuimento exato

inarticulação exata  
sinérese exata

*ex abrupto* exato  
atemporal exato

imitação exata  
irreverência exata

desinência exata  
incorpóreo exato

disforia exata  
incomedido exato

amplitude exata  
paradoxo exato

doxa exata  
minimalismo exato

infalável exato  
insciência exata

recordatório exato  
cossante exato

polifonia exata  
usurpação exata

paideuma exato  
esquecimento exato

o poema é o fogo-  
fátuo da linguagem



# Moedas de luz

(1988)



amar mara mar afora  
amar maradentro agora

*Sérgio Rubens Sossélla*

      você foi  
      tão de repente  
      que nem parece que foi  
cena de um filme que fica  
      um verso para depois

*Alice Ruiz*

o que tiver que ser  
vai ser sido

*Paulo Leminski*



# Inadvertência

Sylvio Back

Uma trança dolorosa.  
Uma lembrança calorosa.  
Certa agonia  
(arrebatamento)  
*madre* de tantas façanhas,  
acometi-me.  
Sem nunca dantes.  
Por temor.  
Por pudicícia (que palavra...).  
Sempre achei que poema e o poetar  
coisa difícil  
de rimar.  
Como um suicídio, um a um, pertinentes,  
entre nervuras de língua/linguagem,  
entre goles, goelas, golpes e groselhas.  
Coragem tombada, aos primeiros versos  
adveio o pânico.  
Medo de ousar, usar e abusar (mais).  
Flagrei-me com (f)alta de prumo.  
Embora insistisse recluso, inconcluso, obtuso.  
O trem do coração  
(cor e ação)  
já pronunciava o último vagão.  
Peguei-o, mãos calejadas de epidermes  
inermes,  
a cabeça preña:  
de *words & songs*,  
uma floresta úbere de sombras,  
retículas e *blowups*.

Livre como um rio, voraz como uma enchente,  
excitado como uma Naja,  
fiel feito amizade,  
depus o deposto.  
Calor e dor afundavam e emergiam,  
vinham, fugiam, refulgiam.  
Aos poucos a letra formou sua própria tempestade.  
Ninguém capaz de segurá-las,  
a palavra e seu eco.  
Nem mesmo eu: o amo do fluxo memorial,  
o titular do vocábulo gestante.  
Nem os silêncios entre um e outro  
falsete  
do estro canhestro.  
Ficaram (estão) assim,  
estranhos que se olham,  
(já não nos conhecemos?)  
nem sonhando que alguma vez partiram do mesmo  
porto.  
Também, por que buscar o fio da meada  
no ininteligível?  
Afinal, meses em vão souberam,  
isto sim,  
recolher a velha emulsão,  
Essa que lateja,  
que macera o esquecimento,  
essa que esmerilha o tempo,  
dá-lhe uma rasteira que ela merece.  
Do passado volto de mãos afanando.  
Do futuro antecipo o imperecível.  
Do presente, acaba de passar,  
agorinha mesmo.

I

# horror em Paraguay

naquele sábado  
às 14:30 horas  
(11.08.84)  
há uma algaravia  
que só  
os dois velhos  
amantes  
detêm o segredo  
(poder)

solidão  
nossa  
próxima  
atração

## *lacrima*

Mara só consegue pensar  
até a ponta da língua.  
Na retina retinha desamarras.

# na cama (do hospital)

a gueixa  
se queixa

# como se nada tivesse acontecido

mãos caladas  
aladas  
taquicardias  
ardias

# frio na espinha

a bagagem  
era  
a minha  
impotência

# Tânatos

convite  
convidados  
(penetras)  
anfitriã

*r.s.v.p.*

## terceira visão

apesar do fôlego  
e do dardejar  
mecânicos  
e os dedos  
em forma de cone  
(invertido)  
a tez  
reverbera  
venenos havidos  
*vis-à-vis*  
um fogo-fátuo  
o holograma  
do começo

## pacto de moribundos

quando nos encaramos,  
ela já ouvira as passadas  
do encanto;  
eu a antever-me  
desencanto.

## de soslaio

no rosto  
esvaído  
o sopro  
da máscara  
mortuária

# toque de recolher

memo  
desmemoriado

o coração de Mara é oco

agora, como contar-lhe a verdade?

## a temperatura do silente

Mara revolve(-se)  
temor e amor  
planos e desvios  
Mara reencontra-se  
(intui)  
tolhe-se  
intimida-se  
foge(-se)  
Mara engana  
Esgana(-se)  
(em vão)  
abismíssimos

# autópsia

a primeira coisa que fiz foi olhar a palma da mão:  
a linha da vida não confirmava o cadáver.

## no teu encalço

das alças  
realças  
voo

zen  
-ite  
(^)

Mara  
não se  
conforma(e)  
perdeu  
o companheiro  
de farras  
(e farsas)

# ali, por ali

olhando-te  
funéreo  
odiando-te  
a vida  
que  
me anseias  
que  
te furtei

# veios frondosos

no corpo formolizado  
a formosura  
fosfórea

# Minha Greta Garbo

Ela não queria que ninguém a  
visse com desvida.  
Que fosse uma recordação em movimento.  
Como no cinema.

# trena existencial

o a(o) caso  
procurado

exagero  
não precisava  
tanto

Mara  
incomedia  
estelar

# epitáfio

de luto  
puto

# ela já não estava

detest'o reconhecimentos  
de morgue  
quem lhe penteou  
os cabelos  
(furta-cor  
estranhamente)  
ainda  
me trouxe  
sua eletricidade  
(recorrente)

# em sincronia com o capeta

de bandido  
pra *cowboy*  
sem  
ressentimentos  
adianta  
ficar  
(aqui)  
te esperando?

# Maraidit Rne. Flores

*now boarding  
heaven's gate  
(forever)  
final call*

# Finados

sei  
muito bem  
onde você  
está

sei  
muito bem  
aonde você  
não está

# imperdível

no aniversário  
de sua morte  
foi ela  
a única  
que  
(não)  
esqueceu



II

## *Sex-shop*

Ninguém varou-me como ela.

## de cor e salteado

era  
como  
irrompíamos  
pelas  
nossas cavernas

# Imperdoável

Essa foi a única vez que não acabamos juntos.

## cinzas

e quando incendiávamos  
o ar dos pulmões  
afogando-nos  
por brincadeira e excitação  
à tardinha  
o hálito (hábito)  
do prazer  
já será  
um doce (amaro)  
simulacro

# Aponte os suspiros

Tudo, menos a ruptura do fio de saliva  
que ensandeceu a despedida.

# nascituro

na tua boca  
oxigenei-me  
na tua boceta  
liquefiz-me

# Os bons tempos jamais

Por que parei na metade  
do banquete, se já tinha  
devorado teus braços, os peitos,  
os lábios, as nádegas  
(aos uivos virgens do teu gozo primal)?

# as delícias do teu carma

quando  
a amazona  
é também  
seu “cavalo”

## sedento de candura

se começarmos a beber  
(agora)  
só paro  
quando meu rosto  
estiver  
irreconciliável

# reprise

noutro  
rosto  
deparo  
com  
o mesmo  
halo  
(*technicolor*)  
de quando  
metíamos  
um  
noutro

## Biombo chinês

Entrando por aquela porta (ou não),  
o andar sempre  
me fará lembrar a tua primeira nudez.

# refeito

galgavas

galgo

algo

eito

## de quatro

mãos e coxas  
(orvalhadas)  
seios e boca  
(vozes sem vezo)  
pálpebras  
(inermes)  
torpedeiam  
os jardins  
do desejo  
a memória  
(essa cafetã!)  
esboça  
um sorriso  
amarelo

# aí é que mora o perigo

lembra que você  
tremeu  
ruiu  
remoeu  
e riu  
“quer casar comigo”?

## Nauta à deriva

Em quantos e quantos átimos me achei perdido  
nas estrias do seu colo?

Idiota, nem imaginava que um dia  
esses caminhos fossem transitáveis.

# sobressalto

me  
masturbo  
saboreando  
-te  
(no céu  
da boca)  
algas  
que nos  
pertenciam

# assíduo frequentador

pelos  
corredores  
das tuas  
axilas  
maresia

# Cheiro indolor

O suor é o afrodisíaco do sobrevivente.

# confidência

nada mais  
erótico  
que a morte  
nada menos  
coveiro  
do que  
o tempo

## *Kama Sutra*

por causa  
do teu  
alaúde  
(escaravelho  
ígneo)  
quase  
fui  
decapitado



III

# Filme velado

Mara morta.

# corpalma

como num filmusical  
riso e gesto  
sonâmbulos  
tã-tã-galáctico  
e o olho  
irisado  
a “gira”  
da vertigem  
(entrincheirado)  
assisti  
a tudo  
impune

# Dor(avante)

Toda vez que eu disser:  
luz, som, câmara, ação,  
será como ver-te.

# na soleira do destino

estava  
escrito  
(miserio)  
título  
de filme

# filme de autor

teu desligamento  
incêndio de cinemateca

inapagável

Não ficou nenhum celuloide

Filmara.

## *flash-Back*

acabo de moldar  
o calor  
do teu ventre

# Sem Mara

Minha família são meus filmes.

# Roteiro

Teus sonhos sempre têm começo, meio e fim.  
Mas eu não os conheci nessa ordem...

# filmagem

à sua chegada  
ouviu-se  
luz  
e Mara  
imantou-se

# na moviola

revido nossos filmes  
remontarei a você

# orfandade

com teu *fade out*  
perdi a mãe  
(a manha)  
dos sentidos

# álbum d'alma

ideograma

hieróglifo

ícone

iluminura

ementa

o poema

antevê

o cinema

## *feel me*

das tuas  
mágicas  
cotidianas  
saudades  
(intraduzível)

# A hora dourada

Quisera desimprimir o terrível instantâneo.

## *Film Noir*

Amanhã vou entregar teus algozes à polícia.

# o olho que não chega ao teto

fora de foco  
fora da foto  
fora (ô)

tem quem tenha visto

o filme  
da mente  
não mente  
(demente)

# Dublagem

Ela – Chame um médico que eu vou morrer!

Eu vou morrer... estou sentindo...

Vou morrer! Meu peito está fervendo...

Voz (*off*) – Que morrer... Não se morre assim...

24 horas depois, a imagem dela “congelava”.

# visibilidade

inda  
guardo  
tua aura  
latejante  
opíparo  
retrato  
falhado



IV

## Diário de Mara (I)

“Odeio Curitiba com todas as minhas forças.  
É uma cidade pequena com pessoas pequenas.”

## Diário de Mara (II)

“Eu vou morrer no ‘estrangeiro’..”

## Diário de Mara (III)

“Estar vivo ainda é a maior vingança.”

## Diário de Mara (IV)

“Se eu morrer, cortem meus pulsos.  
Não quero ser enterrada viva.”

# Diário de Mara (V)

“Teus filmes são os nossos filhos.”

## Diário de Mara (VI)

“Alguém que me acuda: estou de bem com a morte.”

## Diário de Mara (VII)

“Esquisito. A cada dia estou alcançando mais a idade da minha mãe.  
Do pai, jamais.”

## Diário de Mara (VIII)

“Nenhum filme vale uma vida.”

# Diário de Mara (IX)

“Me m(ame) até a eternidade.”

# Diário de Mara (X)

“Jamais dedique um filme a quem está vivo.”



V

# passaporte azul

tuas palavras  
contrabandeavam  
moedas de luz

# Autodefesa

Quando a gente calcula que o pior  
já passou, o pior ainda está por vir.

# vibrações capricornianas

olha como o jornal  
acertou  
“muitas coisas  
boas  
vão acontecer  
a partir  
de agora”  
e eu que  
pensei  
(otimista)  
o contrário

# Certeza de lata

... (no) *“Pasarán mas que mil años...”*

# Previdente

Ainda bem que fiquei com a tua  
passagem de volta.

## confraria do cão

digo e redigo  
aquele gole  
pro “santo”  
era senha  
de cúmplice  
(portanto  
ultime-se)

# dá pra sentir

que  
mortais  
espreitas  
que  
mortalhas  
suspeitas  
que  
corpos  
escudeias  
que  
ancestrais  
permeias

“... *you only live twice...*”

*as usual*  
Mara  
esperneia

## *Verboten*

pare  
de bater  
portas  
mexer  
trincos  
vestir  
roupas  
(minhas)  
imaginar  
que entra  
assim  
sou  
vacinado  
contra  
amores  
teúdos

# Faz sentido

Assunção estreou nova peça  
de Molière: “Médicos à forca”.

tudo que cheira a você será bolor

o passado perdoa  
(também)  
que doa  
(então)

# rotação do eu

nemim

*spleen*

nenóis

sóis

# a perda

perdura  
perdulária  
e pendular

# E vice-versa

A vida é um brinde da morte.

# O incomensurável desconsolo das palavras

Pranto.

# inverno astral

vivo  
na Lua  
dentre  
carnívoros  
ofereço-me  
dantes  
preciso-me  
(onívoro)

# Os duendes da madrugada estão com frio

Há um grito-surdo de alívio. Susto,  
arrependimento, tremor de irreal, vigília  
e culpa, a melodia de asas fugantes.  
Nem em todos.

# Batismo de fogo

Foi bom você ter procurado os amigos  
para deles ouvir sobre a minha tristeza.

# súplicas

adornada  
estátua

a mansidão  
do rosto  
boreal  
imensidão

na garganta  
exangue  
de ais

as unhas  
cianóticas

estranha  
troca  
de figurinhas

com

o pretérito  
perfeito

VI

# cianureto

deu no que deu  
sou vitimada  
em você

## *the show must go on*

o que é que é isso  
me deixar  
assim  
sem outra

# travessuras

não carece  
fingir

teu perfume

cisca

belisca

mordisca

o canto

do meu  
travesseiro

rente

ardente

pingente

# Camboriú

suas mãos  
recolhiam  
o mar  
como  
se alguém  
o estivesse  
empilhando

# Vendo televisão sem você

Fantasmas.

## *Casbah*

quem diria  
que o teu  
anel  
(com a efígie do dragão)  
ali se veria  
minh'alma  
turva quanto  
a do leão  
ferido  
aguerrido  
preferido  
destemido  
remido  
fodido

# Unidade de Terapia Intensiva

Felizmente ainda chegamos a tempo, um para o outro.

# Príncipe Submarino

fui  
afogar-me  
num espelho  
baço  
nenhum  
reflexo  
a não  
ser  
o  
(e)vidente

# bola de cristal

auscultando

*flashes*

de casa

viçosos

(viscosos)

estremeço

de ciúmes

você

já era

*mon avenir*

(ablativo)

# “Homem mau dorme bem”

Meu egoísmo sonhou tua ressurreição.

# a bem da verdade

amizade  
fervura  
desatada

admiração  
fervor  
alumiado

amor  
febre  
minutada

# o rabo da cobra

você  
alhures  
eu  
nenhures

## *Carnevale*

rimos  
em todos  
os desmaios  
da vida  
como  
quem  
falsifica  
a identidade

## nas trevas

nem ouse  
me acordar  
deste pesadelo  
prefiro-o  
a ter  
que conviver  
com a tua  
anuência

# pequei-te cavaquinho

fada madrinha  
refém  
definha

# amigas do peito

nossas plantas  
conversei elas  
estão solidárias  
incontornáveis  
prometem  
enrosco gigantesco

# misturando estação

quantos  
dias  
desencontrei  
vazias  
as vezes  
que estarias

contigo

contíguo

## dando um “*time*”

calma calma  
só preendi  
a respiração  
volto em instantes

nova  
armadura

velha  
amargura

moldura  
recém-alma  
recém-dura

# protagonista do inusitado

despojar

-me

destinar

-me

desamar

-me

desatinar

-me

# tecnologia de ponta

tenho  
*know-how*  
de Mara  
não  
de solidão

# isso já é História

sinto a tua mão  
no ombro  
sei  
tudo não passou  
de um equívoco  
daqui a pouco  
você  
estará aqui  
me homenageando

# canção de nanar

durmo  
recortando  
o sorriso  
dela

# como veio, vai

amor  
volátil  
memória  
réptil  
solitude  
táctil

gazeta

juntos  
desaprendi-me

## “*Mis noches sin ti*”

um sono  
(*sueño*)  
paraguaio

recordável  
acordável

reportável  
deplorável  
deportável

des  
cicatrizável  
in  
estancável

# pensamentos que fruem

sou apenas  
uma lâmina  
estocando  
o ar  
costurando  
minhas veias

# o belo acima de todos

nas tuas  
cartas  
até  
os selos  
eram  
a nossa  
paisagem

a quem interessar possa

tão fugaz  
quanto  
o dígito  
do seu  
exílio  
assim  
refuguei  
os beijos  
de antanho

VII

# da minha cápsula

estou  
desmoronando  
(igual)  
a terra  
cai  
sobre você

loquaz

rouco  
de  
tanto  
ficar  
calado

falaz

afônico  
de  
tanto  
falar  
sozinho

# Siameses

Ante o inevitável, concordo com a amputação. Mas deixem o ectoplasma dela intacto, que é meu avesso.

# bomba-relógio

a cada dia  
que passa  
Mara  
não passa  
(desgraça  
que grassa)

# Antes que todos E como ninguém

Nossa *lady* beijou a cumeeira da vida.

# litania

Mara viva  
maravilhosa

futuro

amar  
amara

## a propósito de *Gilda*

nunca  
houve  
mulher  
comara  
mulher  
nunca  
houve  
comará

# fundo, no fundo

não apenas  
a força  
de um  
meteoro  
um risco  
sangrado  
(arroubo)  
etéreo  
estilete  
(níveo)  
imorredoura  
imorredouros

# enxoval

hoje desfiz-me  
de você  
pela  
segunda vez

# Equação

Loucos se nutrem da loucura;  
obsessivos da obsessão;  
apaixonados do infinito.  
Mara, teu espectro é.

# histrião

chorando  
escondido  
de mim mesmo

# Simbiose

Só me tragam o gás de Mara, porque  
o corpo eu já o estou vestindo.

# “Madame” Mara

Em segredo, você abriu a nossa separação.

# *Mord und Liebe*

*Hallelujah,  
Mara!*

# FIM

Antes que a gaze se insinuasse,  
foi rodando (rondando)  
o derradeiro fotograma,  
bruxuleante.





Yndio do Brasil –  
Poemas de filme

(1995)



# doríndia

almas limpas  
almas-penacho

almas límpias  
almas-apache

almas é o nosso *biz*  
nosso império nosso  
impropério  
nosso círculo de giz  
*Ad majorem Dei gloriam*

quem ainda não degustou o perdigoto divino  
índio da América batida índio da América batina

nossa força nossa hóstia nossa força – ecoam  
nossa bazófia nosso desatino nossa vergonha – ecoam  
nossos arrotos nossos peidos nossos roncões – ecoam

esganamos o remorso como quem bate cabeça  
a história nos absolve como quem bate punheta

índio da América  
fizemos catecismos  
para seu etnocídio amaro  
fazemos catecismos  
para seu suicídio caro

## *footing*

*run* Bororo *run*  
ronda Rondon ronda

*run* Xavante *run*  
ronda Rondon ronda

*run* Krahô *run*  
ronda Rondon ronda

*run* Xokleng *run*  
ronda Rondon ronda

*run* Caduveu *run*  
ronda Rondon ronda

*run* Terena *run*  
ronda Rondon ronda

*run* Ianomâmi *run*  
ronda Rondon ronda

*run* Kalapalo *run*  
ronda Rondon ronda

*run* Camaiurá *run*  
ronda Rondon ronda

|            |        |            |
|------------|--------|------------|
| <i>run</i> | Urubu  | <i>run</i> |
| ronda      | Rondon | ronda      |

|            |        |            |
|------------|--------|------------|
| <i>run</i> | Rondon | <i>run</i> |
| <i>run</i> | Rondon | <i>run</i> |
| <i>run</i> | Rondon | <i>run</i> |

## o outro

Montaigne: índio é feliz  
Sertanista: índio quer neocid

Custer: índio bom é índio morto  
Posseiro: índio morto é bom porto

Pastor: índio é sátrapa  
Exército: índio é apátrida

Raoni: índio quer carabina  
Caiapó: índio quer concubina

ONG: índio quer nação  
Garimpo: índio quer aluvião

Igreja: índio quer hóstia  
Índio: o branco é sósia

# ordem unida

general pacificação  
general tuberculose  
general Calha Norte  
general Rondon  
general latifúndio  
general Vargas  
general mercúrio  
general FAB  
general lábia vaticana  
general SPI  
general agente laranja  
general Xapuri  
general Chatô  
general FUNAI  
general Cousteau  
general parque nacional  
general Sting  
general vídeo tribal  
general sífilis  
general assédio sexual  
general Greenpeace  
general hidrelétricas  
general CIMI  
general Summer Institute  
general motosserra  
general satélite espião

general Redentora  
general evangélicos  
general índio cristão  
general mineradoras  
general integração

não olhe para trás

# lição de casa

sói em sóis (fumegam) na mata  
(em *technicolor*) índios  
em decúbito ventral esgarçam  
(lençóis túmidos) bruta  
aragem de vozes (o chão xamã)  
von-von-tade voa-voante  
a fera (é caraíba) da morte  
mortífera  
cai  
cai  
cal  
cai  
c  
a  
l  
cai ai ai ai ai aiai  
aicaiaicalai

# ração do Brasil

*para Oscar Gama Filho*

um país cármico  
um pai banido

um pai gálico  
um país perdido

um país paraíso  
um pai madrasto

um pai cediço  
um país casto

um país óbice  
um pai códice

um pai *galant*  
um país *soi-disant*

um país gabola  
um pai palrador

um pai preador  
um país carola

um país anárquico  
um pai carnaválico

um pai psicótico  
um país entrópico

um país uterino  
um pai órfico

um pai latíndio  
um país ladino

um país azado  
um pai acaso

um pai banzo  
um país *banzai*

um país cordial  
um pai canibal

um pai sem país  
um país sem pai

# tribo kozák<sup>(\*)</sup>

hetá xetá kozák  
tela de índigos índios

hetá xetá kozák  
memo de indigno cinema

hetá xetá kozák  
mote-fátuo perpétuo

hetá xetá kozák  
a morte é esteta

hetá xetá kozák  
o filme – profeta

(\*) O antropólogo e cineasta tcheco Vladimír Kozák (1898-1979) foi o único a filmar, em 1956, os hoje extintos índios Xetás (ou Hetás) no norte do Paraná.

## os selvagens

hoje não estou a fim de preto  
hoje não estou a fim de comunista  
hoje não estou a fim de burocrata  
hoje não estou a fim de psicanalista  
hoje não estou a fim de pederasta  
hoje não estou a fim de feminista  
hoje não estou a fim de cineasta  
hoje não estou a fim de milico  
hoje não estou a fim de liberal  
hoje não estou a fim de político  
hoje não estou a fim de travesti  
hoje não estou a fim de ti

hoje não estou a fim de pobre  
hoje não estou a fim de privatista  
hoje não estou a fim de padre  
hoje não estou a fim de fascista  
hoje não estou a fim de delator  
hoje não estou a fim de turista  
hoje não estou a fim de nacionalista  
hoje não estou a fim de pastor  
hoje não estou a fim de socialista  
hoje não estou a fim de sertanista  
hoje não estou a fim de si

hoje não estou a fim de ecólogo  
hoje não estou a fim de separatista  
hoje não estou a fim de anarquista

hoje não estou a fim de astrólogo  
hoje não estou a fim de onanista  
hoje não estou a fim de antropólogo  
hoje não estou a fim de umbandista  
hoje não estou a fim de indigenista  
hoje não estou a fim de índio  
hoje não estou a fim de mi

# A propósito

Estes poemas nasceram para o celuloide. Ainda que sublinhando imagens, protagonizam uma espécie de “outro filme” dentro do meu documentário “Yndio do Brasil”. E a única concretude e fruição deles era sonora – mediatizada em tela.

Mas, ao serem escritos, lógico, os poemas engendraram sua própria espacialidade. Como se assim fossem ter curso.

Nessa frequência é que o editor e poeta Guilherme Mansur os flagrou. Datilograficamente silentes – antes de sua verbo-vocalização, antes de sua “eterização”.

Ei-los, agora, postos à prova num inusitado *puzzle* multimídia: poemas sem filme ou cenas de poemas? Versos entreouvidos ou fotografamas autofalantes? Poesia audiovisual ou cinema de papel?

*Sylvio Back*





Eurus

(2004)



Para  
Margit  
Co'meu amor todo



Quando se faz poesia,  
o certo seria não fazê-la.

*Attila József*

Não sei quem me manda a poesia  
nem se Quem disso a chamaria.

*João Cabral de Mello Neto*

i am here  
and i have nothing to say  
and i am saying it  
and this is poetry

*John Cage*



**transontem**



## o ícone ínfimo

só dorso de luz  
nada que atordoe  
o fio do fundo  
nada que turve  
a aura mínima

só pura abulia  
nada que perturbe  
o eco do fugaz  
nada que urgente  
o átimo imerso

só voo mortiço  
nada que perfure  
a nódoa cerúlea  
nada que arruíne  
o ícone ínfimo

# os eugenios da paisagem

*para minha mãe Else*

são cinquenta  
séculos (ternos)  
são você a vida  
exposta a resposta  
de bosta e meias-  
verdades cáusticas  
são os eugenios in-  
gênuos a ver navios  
e derramar guaraná  
com soda na memória  
é o rabo da tainha  
na bicicleta alemã  
zunindo adeuses e  
beijos escandidos  
da corada mãe-ímã  
moldura carunchada  
espectral gigante  
de pira olímpica

uma porção se vingou  
a outra virou poção  
de estupor dormente

# para algum futuro

para algum futuro  
todas as braçadas  
ouro de quimera

para algum futuro  
cárcere da vileza  
penúltima certeza

para algum futuro  
desfrute a prumo  
remos a contrapelo

para algum futuro  
pútridos humores  
se créditos tiver

para algum futuro  
exorcize convícios

# velhera

tempo lavradio  
à toa

totêmico tempo  
a toda

cavalição do soçobro  
à coda

entes da simetria perfeita

## de flores

chuvosas arqueadas céticas  
delas só o lamento inodoro  
cracas de infâmia anátemas  
viviissecados mar de ressoo

sobre lápide mesa tonsuras  
garras de córneas agri dor  
por todas aves carpideiras  
por tudo horríveis medusas

empinadas viçosas narcisas  
agouros à menor platitude  
de morte alvejam o nascido  
para só cortejar o efêmero

# fóssil d'alma

um susto silente  
ofertório de *besos*

quem é o ciclone  
do olhar maralto

transido oriente  
desaba *con gusto*

o que é o azougue  
do olho mareado

*recuerdos sueltos*  
atam o que ficara

# 54

cinquenta e quatro ratos anos  
cinquenta e quatro atos de Satã  
cinquenta e quatro fatos soezes  
cinquenta e quatro vezes em vão  
cinquenta e quatro mil revezes

cinquenta e quatro feitos ruídos  
cinquenta e quatro rotos senões  
cinquenta e quatro sonos puídos  
cinquenta e quatro azos demãos  
cinquenta e quatro choros de luto

cinquenta e quatro anos mui puto

# transontem

Omi  
foi tão lindo  
você pasma  
exatamente  
do lado Hans  
(velho nazi)  
tia Hete  
se contorcendo  
(a cuia de chimarrão  
ardosa)  
teu corpete  
de bolinhas  
pretas (e branquelas)  
o lenço bodunhento  
asfixiando  
a boquinha  
de chupador de ovo  
Omi foi tanta lindura  
(Omi!)  
ali estirada  
pisando nós  
indesmancháveis  
um'alça  
ia chumbando  
quando menos  
o buraco e seu alvo  
(desfrutáveis)  
escancarando

*Lutz und Jochen*  
esperneando cães pulgas  
ricochetes de guerrilha  
rugas medalhas creolina  
e a Hete  
se cagando escondidinha  
e você (vó!)  
arrepinando plantinhas  
danadinhas  
nascituras  
tão puras  
Omi  
(tentáculo de vendeta  
espetáculo do capeta)  
esplêndido  
ver-te verdolenga  
*sorry* (indo)  
nos lábios de mármore  
o pesar d'alma  
em dobro



**silenciário**



# fortuna

amarelento  
amarevento

amaratento  
amaratempo

Baco

ecos a

holográvida

ávida vi

*whole*

*hole*

becos da

*pathos*

*para Margit*

# *al mediodía de mi vida*

*salto  
(inmortal)  
de Charlott  
talisman  
(fetal)  
hacia  
el norte*

Buenos Aires  
(10.6.1986)

## um mau poema para um mau dilema

|                    |        |
|--------------------|--------|
| o amor que fala    | fale   |
| o amor que cegue   | sela   |
| o amor que pedra   | quebre |
| o amor que amargue | amarra |

|                   |         |
|-------------------|---------|
| o amor que falha  | talhe   |
| o amor que divide | duvida  |
| o amor que espera | reitere |
| o amor que gela   | vele    |

|                    |        |
|--------------------|--------|
| o amor que consome | assoma |
| o amor que encanta | Dante  |
| o amor que morre   | sorve  |
| o amor que engana  | hosana |

# alvíssaras

neste colo  
pousa o poema  
que nos fecundou

# gangrene

*false life*

*false love*

*false file*

*both false*

# silenciário

silêncio  
canivete  
suíço

silêncio  
garrote  
vil

silêncio  
haraquiri  
*zen*

silêncio  
cárcere  
privado

silêncio  
bala  
dundum

silêncio  
bolo  
fecal

silêncio  
praga  
vodu

amor  
silêncio  
*fake*



**haitec**

*design Solda*



NOSTA  
ALGIA  
ALGIDA

meus  
to  
p  
m  
a  
o  
e  
s  
nen  
são

OPULO GATO APULGA  
A B A U L A D Q  
CATA PULTA

*try*  
PUTWORDS  
*cutlife*  
CUTWORDS  
*putlife*  
POETRY

O TERRITÓRIO DO PESADELO  
É SEMPRE  
PASSADO  
A LIMPO

réu

um verso  
submerso

PENSEI  
QUE A MORTE  
FOSSÉ  
IRREVERSÍVEL  
DESCOBRI-A  
VERSÍVEL

Z E N  
D O C I O  
M E V

I  
R  
A  
D  
I  
A  
N  
T  
E

R  
A  
D  
I  
A  
N  
T  
I  
R  
A

URNA PAULISTANA

---

**a b e l e z a**  
**é k i t s c h**

PARA AUGUSTO DE CAMPOS

HAI  
TEC



**crípticos**



## o que está no alto

não fora tua perda  
vácuo de quebra

não fora tua perda  
hidra *tan* lerdá

não fora tua perda  
fátuo que verga

não fora tua perda  
*bestia de piedra*

# *plongée*

Fernando Cony Campos  
*in memoriam*

funda

dor

frêmita du  
na pelo cor  
po descom  
passo gozo  
so uma so  
mbra elétri  
ca qual pe  
sadelo est  
ridente ar  
rebata o q  
ue fincara

dor

funda

## de certa feita

nem faz um ano que teu peito  
estufou implodiu ruiu fendido

nem faz um ano que teu pênis  
faliu e todo veneno vaia virou

nem faz um ano que tuas vestes  
esgarçam e voejam entrementes

faz anos que tua holografia  
é mnemônica oca de per si

# olhos fechados

dor  
horror  
pudor  
afeto

despeito  
de medo  
de sonho  
desprezo

bronze  
sorte  
corte  
morte

olhos fechados – fachadas

## pai e Zweig

despedir-se sem ida  
pelo prazer ao ápice  
imolar-se com o que

ver-se na única vez  
*vis-à-vis* do vácuo  
guardar-se até o que

reter-se a respiração  
à forra da néscia via  
imortalizar-se o que

aos pósteros haver-se  
para o que der e vier

# plataforma de embarque

Roberto Santos  
me disseram  
que você estava  
sentado atrás de mim  
quando me voltava  
vi sua aura no fim

# leminskaia

de nada adiantou  
afrontar a desdita

blefe de arcanos

de nada adiantou  
agoniar premonição

ventania de sinas

de nada adiantou  
desatar a escrita

pés de trapézio

de nada adiantou  
sonegar a intuição

pororoca de signos

de nada adiantou  
agourar o destino

doma de rastros

os motes da sorte  
consorte da morte

## crípticos

feito um frio suicida  
deixe sempre tudo atado

feito um pensamento fugidio  
deixe sempre tudo a tento

feito um rio a montante  
deixe sempre tudo de início

feito um mau pressentimento  
deixe sempre tudo no ponto

feito uma saudade à toa  
deixe sempre tudo à vontade

feito uma treslouca aposta  
deixe tudo sem resposta

**eurus**



## *movie-junkie*

sou um reles  
traficante de  
fotogramas

antes fazendo fita  
do que viver sem  
Viveca Lindfors

*movies* não  
há mais *timing*  
livre-se deles

do *cowboy* que fui  
restam furtivas  
infância e infâmia

a bala na lua  
Méliès de olho  
a dor irisada

queimei o filme  
queimei o poema  
queimei se amei

# é pegar ou largar

é pegar o signo  
pela crina  
torná-lo sublime

largar o significado  
no tatame  
torná-lo cólume

é pegar o significante  
pelo gargalo  
torná-lo coágulo

largar o poema  
na bissetriz  
torná-lo estema

# autopoema

não me reconheço  
em memória alguma  
para nela ater-se

não me reconheço  
em corpo algum  
para nele ter-se

não me reconheço  
em geração alguma  
para nela avir-se

não me reconheço  
em lugar algum  
para nele ser-se

não me reconheço  
em porvir algum  
para nele ir-se

# olho da voz

1. na escansão  
do poema  
o poeta
2. no anverso  
do poema  
o dilema
3. no acaso  
do poema  
o apotegma
4. na refração  
do poema  
o profeta

# *take 1942*

*eye-fantôme*

Orson preto  
ouro Welles

*boomerang*

## *l'ennui du mythe*

fico pensando  
pensar algum

fico criando  
cria alguma

fico poetando  
poema algum

astutos nenhuns  
dizem a que vêm

## eurus

sobre este poema  
da página enxote  
pro nune que dá  
a lume sobre aqu  
eloutro suma com  
todos e deixe o tí  
tulo sumo do que  
um dia ex incubo  
do verbo fora po  
esia viés que ag  
ora seria não és



**todavía**



## *curare*

de cor o pulso  
estardalhaça  
veios fórmicos

túnel da alma  
a mão do *boxer*  
vasculha boba

carcaça tímida  
gemido vizinho  
de ais falhantes

maré de gosma  
rosa-*pinkpink*  
lágrima fálica

um arrote seminal  
escapole chocho  
cicatriz de oxigênio

# calabouço

coração  
(lacre)  
amálgama  
(escarro)  
punções

## rio-tempo

rio-tempo de cujos gritos  
lavra a surdez das gavetas

temporal de vis vislumbres  
consome-se em *rotas* rotas

gestos-lesma ecos concisos  
embotam a desvida intuída

gazua gaze unha-se úmida  
sob equimoses do estorno

sorradeira é a usina desse  
que ver de enésima messe

# quebrouseoqueradouce

morrer  
vontade me dá  
esqueço-me  
dos cães descalços  
coração díspar  
despenco-me  
voo rascante  
como se tivesse  
almoçado  
por  
ce  
la  
nas  
d'alminhas

# o tempo ruge

*para Mussa José Assis*

depois da advertência  
comece a cunhagem  
de cruzes e credos

estamos todos  
de lambuja

suportar moribundos  
feros que a estiagem  
há de surpreender

estamos todos  
de lambuja

aí aqui a mesma  
friagem levando  
baita vantagem

estamos todos  
de lambuja

no azimute da vida  
finitude é périplo

## todavia

uma sombra assenta  
liquefaz o que estava  
imperceptivelmente  
borra o que perdura  
agora sim o homem  
é seu perfeito sósia

**véu de Curityba**



# Lágrimas de Bakun

esse silêncio encajado  
esse entardecer de 1963  
estes pincéis entornados

# vaziez curitibana

por que tamanha  
vaziez curitibana

dá pra identificar  
vaziez curitibana

quão é insidiosa  
vaziez curitibana

com que suportar  
vaziez curitibana

por quanto fingir  
vaziez curitibana

onde buscar cura  
vaziez curitibana

como viver sem vaziez  
curitibana em curitiba

# a necrópsia do ogro

da boca

baba de porre imperecível  
falésias pustulentas – falácias

o *clown*  
(de cambota)  
destila horrendos perdigotos

do corpo

lixeira de escrotos podridos  
cadeira perene – rancores

o *clown*  
(de borco)  
destripa óbolos fecais

dos pés

galináceo guilhotinado  
jorro acre – traições

o *clown*  
(de cócoras)  
desova peidos intactos

da alma

zarabatana de angústias

# Helena Kolody

vivípara poeta  
ovíparos poemas

# véu de Curityba

Mauri Furtado  
*in memoriam*

dia mais dia menos  
o vampiro  
caquético vilão  
escafedeu-se  
fotógrafos inda queimam chapas  
de nhapa  
o indriblável  
a fada madrinha burlou  
até os senis *Hänsel und Gretel*  
tomaram tento do tatibitate  
o feiticeiro treme  
virou traque  
cracou a própria alma  
empinada no varal  
o suor da pulga aidética  
a bocarra fétida  
da Boca Maldita  
(eunucos corcundas do alheio)  
a serpente menstruada da praça  
Tiradentes  
a macumba de sotaco polaco  
as sapatilhas coxas  
do travesti Daiana Ross

(cujo orgasmo desata a peçonhice  
curitiboca)  
roeram ora veja tua gabolice  
bicharam quem diria tua íngua  
raparam tua tão dita desdita  
depenaram-te  
(que pena)  
ó vampiro arbuste e suas cutículas  
coaguladas  
na garganta rações  
cãs  
trançadas tal raiz forte  
qual ilusões vãs  
ó rei dos sanguessugas  
desperta Nossa Senhora de Floradas  
dá Luz dos Pinheirais  
alcoz ferina felino atroz  
ah! doirada Curityba  
toda gorada  
bestas prenas na madrugada  
lambuzam o Bar Felácio  
autopsiam o guapecá  
com o vento sul incenso do  
esquecimento  
abandonado feito tatuagem  
de cadáver agourento  
ó morcegão  
dos derradeiros esgares  
(e azares)  
(e vômitos)  
ó carbono trespassado  
exangue de manhas sangue sanga  
e inanas  
inconsolável manquitola  
da rua que sobe-e-desce

Curityba ó  
te aprontou uma  
*old vampire*  
que vou te contar

Curityba  
jamais nega fogo



## **Elucidário para “véu de Curityba”**

**Bakun (Miguel)** – pintor “maldito” do Paraná, de origem eslava, que se suicidou em 1963, aos 54 anos, em protesto às injustiças orquestradas contra ele pelo poder cultural da época. Redescoberto pela Bienal Brasil/1994, é um dos maiores pintores do país.

**Mauri Furtado (1938-1964)** – jornalista, escritor e ator curitibano. Intelectual de estrato existencialista, deixou poesias e um romance esboçado. Ficou conhecido como “o vampiro de Curitiba”. Morreu afogado em circunstâncias até hoje nebulosas.

**Boca Maldita** – ponto de encontro de políticos, jornalistas, artistas, aposentados e que tais, no centro de Curitiba. Com o tempo institucionalizado, acabou perdendo a fama de templo da autofagia da cidade.

**Bar Felácio** – corruptela do nome de conhecido restaurante curitibano, Bar Palácio, especializado em carnes, aberto há mais de sessenta anos. Antigo reduto boêmio da classe média *dorée* e profissionais liberais, prostitutas e fauna afim.





Traduzir é poetar  
às avessas (Langston  
Hughes por Sylvio Back)

(2005)

Agradecimentos à Karen Schindler,  
representante no Brasil da Vintage Books (EUA),  
pela liberação dos direitos autorais dos poemas  
de Langston Hughes.

## Traduzir é poetar às avessas

Sylvio Back

No início dos anos 1970 ouvi (não li) pela primeira vez, e somente a estrofe de abertura do poema, “*Democracy*”, de (James Mercer) Langston Hughes (1902-1967):

*Democracy will not come  
Today, this year  
Nor ever  
Through compromise and fear.*

(Democracia não virá  
Hoje, este ano  
Jamais  
Pelo compromisso e o medo.)

A força clarividente dos versos soava como uma espécie de epitáfio: os tempos eram feios e parecia que os ditadores militares iriam se eternizar. A contundência do poema jamais me abandonou. Nem o autor – menestrel da negritude radical, uma insólita cunha étnica dentro da poesia, erudita e branca, norte-americana do século XX.

E, estranhamente, sua obra lírica continua quase inédita entre nós – país de corte e sorte africanos onde a tragédia da cor é tão exasperante quanto a dos negros americanos de há meio século e tanto.

Antes de descobrir-lhe os livros anos depois, tive o prazer de curtir três poemas traduzidos por Manuel Bandeira (dois deles, inclusive, “*March Moon*” e “*My People*”, sem me dar conta de já os ter lido, ousei retradução). Igualmente, cruzei com outros poucos vertidos por Orígenes Lessa, Guilherme de Almeida, Domingos Carvalho da Silva, Oswaldino Marques, e ainda um por Jorge Wanderley em 1992. Recentemente, jovens poetas como Reynaldo Damazio (na revista “Cacto”), Marco Aurélio Cremasco (em “Babel”) e Hélio Oswaldo Alves, em *site* próprio, publicaram suas versões de Hughes.

Ao longo dos últimos dez anos, esparsamente, fui soltando algumas das traduções ora editadas pelo Memorial da América Latina, primeiro, no jornal “Nicolau”, de Curitiba (PR), depois, no Suplemento Literário de Minas Gerais e, nesta década, no caderno “Mais!”, da “Folha de S. Paulo”.

Rigorosamente obrigatório em qualquer estante de poesia nos Estados Unidos, no entanto, Langston Hughes é lido e conhecido entre poucos leitores e poetas brasileiros como se fora, digamos assim, um “poeta acidental”. Uma raridade bibliográfica. Excetuando antologias, nenhum dos dezesseis livros foi até hoje traduzido com seu poemário parcial ou completo. Também contista, dramaturgo (escreveu uma trintena de peças), romancista, em 1944, não por acaso, veio a lume, pela Editorial Vitória (RJ), pertencente ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), a tradução de autobiografia intitulada “O Imenso Mar” (“*The Big Sea*”), na qual extravasa a sua vivência e credo marxistas.

Só me animei a traduzi-lo (ou traí-lo – qual a diferença!?) quando em 1989 topei em Washington (D.C.), onde me encontrava pesquisando imagens de arquivo sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália para o meu doc “Rádio Auriverde” (1991), com a preciosa coleção de poemas organizada por ele antes de morrer (“*Select Poems*”, Vintage Books, NY, 1974).

Devorei o livro lá mesmo: impaciente, até ensaiei tradução virtual sob cada verso que me dizia como beleza, inventiva e indignação moral e política. Nem imaginava que, doravante, me tornaria um leitor-súdito deste que era chamado de “Shakespeare do Harlem”, à conta de livro de poemas que publicara em 1942 com título homônimo.

Ouvinte bissexto de *jazz*, assim mesmo, “tomado” por Hughes, investi no risco de manter-me, o quanto possível, “fiel-infiel” à atmosfera *beat* de sua poesia. Ainda que neopoeta (até então publicara “O Caderno Erótico de Sylvio Back”/1986 e “Moedas de Luz”/1988, ou seja, poetava há apenas cinco anos), submergi no sentido oculto daquelas palavras-larvas, explosivas e cheias de *spleen* – com tudo.

Sem ser, nem me intitular, um tradutor *lato sensu* (igualmente, bissexto), a partir daí foram dezesseis anos e quase o mesmo número de poemas (publicáveis), eis a suma e o sumo deste não premeditado repoeitar (desconfio de tradutor que não poeta).

Como o criador é sempre inferior à criatura, Langston Hughes não fugiu à regra. Enquanto desferia golpes poéticos mortais contra uma América racista que o desqualifica, castiga e humilha os seus, “A América nunca foi América para mim...”, ele sucumbia ao autoengano e à cegueira visionária da esquerda dos anos 1930: “Dê lugar a um novo sujeito sem religião/Um sujeito verdadeiro chamado/Marx, comunista Lênin, camponês Stalin, EU operário!” – versejou ingênua e impunemente. Tão vítima quanto os milhões de americanos engolfados pela Depressão, mais trágico ainda para os negros, cuja miséria os lançava a uma espécie de reescavidão pela orfandade de quaisquer direitos civis, o poeta tomava o rumo de boa parte do vedetariado americano (e latino-americano, sim), alinhando-se à utópica propaganda de igualitarismo e liberdade do regime soviético.

Nos anos 1950, por conta dessa militância no Partido Comunista Americano, Hughes, que em 1932 fora à URSS e lá permanecera por um ano, acabou nas malhas do paranoico senador Joseph McCarthy, que considerava intelectuais, artistas e a própria Hollywood um “ninho de comunistas” (*sic*). Interrogado pelo Comitê de Atividades Antiamericanas, Hughes declarou que nunca fora comunista, nem pertencera ou incensara os mentores históricos do partido.

Poetas são sempre profetas a contrapelo. Apesar do melancólico desfecho de sua equívoca opção ideológica, a vasta obra dele, quase toda de cunho político-social, como este poema magistral, “*Let America be America again*” (“Nunca houve liberdade para mim/ Nem liberdade nesta “pátria de homens livres”), permanece incólume, de uma contemporaneidade a toda prova em qualquer tempo. Seja nos Estados Unidos segregacionista de ontem e de hoje, seja no Brasil da perversa “democracia racial”, onde sua poética é e seria tão pertinente e atual quanto à do genial poeta Cruz e Sousa, morto em vida pela discriminação e a inveja do estamento cultural da época. Nem por isso Cruz e Sousa deixou de tecer loas a uma *soi-disant* superioridade racial, em carta dirigida ao escritor Virgílio Várzea: “... para mim, pobre artista ariano, ariano, sim, porque adquirir, por adoção sistemática, as qualidades altas dessa grande raça...”

Assim, coincidência cármica ou não, entre os primeiros Hughes que devorei vertiginosamente naquela Washington afrodescendente nas ruas e repartições e esta incursão-introito ao seu poemário, inédito no Brasil, fui novamente colhido por um feliz e premonitório acaso. Em meados dos anos 1990 me dei conta que em 1998 se comemoraria o centenário de morte de João da Cruz e Sousa (1861-1898) – o maior poeta negro da língua portuguesa, ícone máximo da raça, mas ainda hoje um estigma literalmente escuso – tanto na literatura brasileira quanto na própria comunidade negra do país.

Debrucei-me sobre a vida-obra-tragédia-e-morte deste belo vate catarinense no longa-metragem “Cruz e Sousa – O Poeta do Desterro” (1999), na verdade, o “nosso” Langston Hughes, um Langston Hughes brasileiro *avant la lettre* – como se fosse a minha própria biografia transformada em epigramas e fotogramas. Alma tingida pela África, tal qual o poeta americano, Cruz e Sousa é tão umbilicalmente atado às suas raízes que até é possível ouvir nas estonteantes aliterações das estrofes de “Violões que choram...” o eco do tantã dos seus antepassados (“Vozes veladas, veludas vozes/Volúpias dos violões, vozes veladas,/Vagam nos velhos vórtices velozes/[...]”).

Se, por sua vez, Hughes é melancólico, irônico e ferino – num diapasão do falar cotidiano, e Sousa, seu igual-desigual dos trópicos

quase sempre oscilando entre Eros e Tãanatos – num registro sofisticado, ambos, no entanto, aspiram à mesma transcendência e ao sublime através de uma frondosa e musical verbalização do invisível/indizível sobre a dor moral e existencial do que é ser preto.

Ainda assim, Langston Hughes e Cruz e Sousa jamais descolam o verso e a prosa do seu entorno social, das lutas de libertação e de seu estrato étnico. Deste bastaria atentar para o soberbo poema “Litania dos Pobres” (“Os miseráveis, os rotos/São flores dos esgotos.”), e o antológico “Escravocratas” (“[...] escravocratas eu quero castrar-vos como um touro – ouvindo-vos urrar!”) – talvez o mais contundente poema abolicionista jamais escrito no Brasil. De Hughes, este poema que é um hino à resistência moral: “Eu, também, canto a América/Sou o irmão escurinho/Quando chega alguém,/Eles me mandam comer na cozinha/Mas eu rio,/Como bem,/E fico forte”.

Na assertiva do próprio Langston Hughes, seus poemas são para serem “falados em voz alta”, “gritados”, “cantados” – daí uma atmosfera *gospel* encontrável em inúmeras estrofes. Uma poética também em *close up*, eu acrescentaria, tamanho o torque dramático e o realismo detonados pelo dialeto do dia a dia da comunidade *black* que os informa e transfigura criticamente a própria história soterrada dos Estados Unidos.

Elaborados com textura formal e jogos verbo-musicais de esplêndido eco, a intuição dos versos – capturada na sonoridade dos *blues* e *spirituals* do Harlem, pátria de suas angústias, amores e amizades (solteiro a vida toda, uma suposta homossexualidade jamais ficou comprovada) – é profusa e inapagável. Inclusive, é nesse bairro negro de Nova Iorque que Hughes, nos anos 1920 e 1930 (até a Depressão), passa a integrar a chamada Harlem Renaissance, movimento artístico de grande repercussão, tido como o primeiro gesto de afirmação e protesto do negro americano exigindo inserção e respeito.

O que era? Uma instintiva reação espiritual à violenta repressão que se seguiu à I Guerra Mundial quando soldados negros, de volta da Europa, onde haviam arriscado a vida pela democracia, reencontram o país no mesmo estágio de ódio e discriminação contra os seus. Congregando poetas, escritores, músicos, dramaturgos,

artistas plásticos, vindos das camadas mais pobres, a Harlem Renaissance – entre saraus e festas lítero-jazzísticas, álcool, drogas, jogatina, prostituição e que tais, frequentada por muitos brancos e endinheirados – representou o florescimento de toda uma geração que mudou o olhar da América WASP (anglo-saxônica e protestante) em relação aos “seus” pretos. E a telúrica e, muitas vezes, bélica poesia de Langston Hughes talvez seja a principal voz desse histórico canto coletivo da negritude americana.

Nem por isso essa militância transformou os poemas em flor do gueto. Ao contrário, os universalizou para sempre. Trata-se, sim, de uma lírica do excluído étnico, do desterrado social, do escorraçado moral, mas plena de graça, coragem e farpas autorreferentes. A infinidade miséria, o preconceito atroz, a solidão e a morte – incontornáveis, Hughes sublima as vicissitudes da raça com o orgulho e a fé, o amor, Eros e humor.

Um mestre do poema engajado nas refregas, sonhos, desejos e derrotas do homem comum, tanto quanto no repertório afetivo sobrevivente dos seus maiores (e da humanidade, que teria nascido em África).

Quatro décadas depois de seu desaparecimento, publicado e editado em sessenta países, com este pequeno florilégio garimpado aleatoriamente de seus livros – eis um pálido tributo a Langston Hughes, cuja poética se renova a cada leitura pelo viço de sua linguagem coloquial de alta criatividade, pela sua pertinência moral e atávica, enfim, pela sua incontida emoção.

**Poemas de  
Langston Hughes**

# Hope

*He rose up on his dying bed  
and asked for fish.  
His wife looked it up in her dream book  
and played it.*

# Esperança

Levantou-se do leito de morte  
e pediu peixe.  
A mulher dele consultou o livro  
de sonhos  
e transfigurou-se.

## *Beale Street*

*The dream is vague  
And all confused  
With dice and women  
And jazz and booze*

*The dream is vague,  
Without a name,  
Yet warm and wavering  
And sharp as flame*

*The loss  
Of the dream  
Leaves nothing  
The same.*

## *Beale Street*

O sonho é vago  
E tudo embaça  
Dados e tragos  
Damas e *jazz*

O sonho é vago  
Por ninguém clama  
Mesmo quente vaga  
Afiado como chama

Em sonho  
Fugaz  
Nada fica  
Como está.

## *Suicide's Note*

*The calm,  
Cool face of the river  
Asked me for a kiss.*

# Bilhete de suicida

O calmo,  
Lívido rosto do rio  
Me pediu um beijo.

# Luck

*Sometimes a crumb falls  
From the tables of joy.  
Sometimes a bone  
Is flung.*

*To some people  
Love is given  
To others  
Only heaven.*

## Sorte

Às vezes migalhas caem  
Da mesa opípara  
Às vezes um osso  
É arremessado.

Para algumas pessoas  
O amor cai do céu.  
Para outras  
Só céu.

## *Final Curve*

*When you turn the corner  
And you run into yourself  
Then you know that you have turned  
All the corners that are left.*

## Curva final

Quando você dobra a esquina  
E corre para “dentro de si”  
Descobre que virou as esquinas  
Todas que ficaram por vir.

## *My People*

*The night is beautiful,  
So the faces of my people.*

*The stars are beautiful,  
So the eyes of my people.*

*Beautiful, also, is the sun.  
Beautiful, also, are the souls of my people.*

# Meu povo

A noite é bela,  
Como o rosto do meu povo.

As estrelas são belas,  
Como os olhos do meu povo.

É belo, também, o sol.  
Belas, também, as almas do meu povo.

# Warning

*Negroes,  
Sweet and docile,  
Meek, humble, and kind:  
Beware the day  
The change their mind.*

*Wind  
In the cotton fields,  
Gentle breeze:  
Beware the hour  
It uproots trees!*

# Advertência

Crioulos,  
Doces e dóceis,  
Resignados, humildes e gentis:  
Cuidado no dia  
Que eles mudarem o perfil.

Vento  
Nos algodoais,  
Suave brisa:  
Cuidado na hora  
Que arrancar árvores!

## *Impasse*

*I could tell you,  
If I wanted to,  
What makes me  
What I am.*

*But I don't  
Really want to –  
And you don't  
Give a damn.*

# Impasse

Eu podia lhe dizer,  
Se eu quisesse,  
Por que  
Sou assim.

A bem dizer  
Nem quero –  
Você não  
Tá nem aí.

# *American Heartbreak*

*I am the American heartbreak –  
The rock on which Freedom  
Stumped its toe –  
The great mistake  
That Jamestown made  
Long ago.*

## Sufrimento americano

Eu sou o sofrimento americano –  
A pedra onde a Liberdade  
Tropeçou –  
A grande mancada  
Que Jamestown  
Deu há um tempão.

## Crossing

*It was that lonely day, folks,  
When I walked all by myself.  
My friends was all around me  
But it was as if they'd left.  
I went up on a mountain  
In a high cold wind  
And the coat that I was wearing  
Was mosquito-netting thin.  
I went down in the valley  
And I crossed in icy stream  
And the water I was crossing  
Was no water in a dream  
And the shoes I was wearing  
No protection for that stream.  
Then I stood out on a prairie  
And as far as I could see  
Wasn't nobody on that prairie  
Looked like me.  
It was that lonely day, folks,  
I walked all by myself:  
My friends was right there with me  
But was just as if they'd left.*

# Travessia

Gente, era aquele dia de solidão,  
Eu andava todo ensimesmado.  
Meus amigos tudo estava por ali  
Mas era como se tivessem se mandado.  
Escalei uma montanha  
Sob um intenso vento frio  
E o casaco que eu vestia  
Era de filó fino.  
Desci para o vale  
E cruzei uma correnteza gelada  
E a água que eu atravessava  
Não era água fantasma  
E os sapatos que calçava  
Não me protegiam da aguada.  
Aí eu parei numa pradaria  
Tão longe quanto eu pude ver  
Não havia viv'alma na pradaria  
Parecida comigo.  
Era aquele dia de solidão, gente,  
Eu andava todo ensimesmado:  
Meus amigos tudo estava junto comigo  
Mas era como se tivessem se mandado.

# One

*Lonely  
As the wind  
On the Lincoln  
Prairies.*

*Lonely  
As a bottle of licker  
On a table  
All by it self.*

# Só

Sozinho  
Como o alísio  
Nas planícies  
De Lincoln.

Sozinho  
Feito garrafa de pinga  
Na mesa  
Sozinha.

## *Border Line*

*I used to wonder  
About living and dying –  
I think the difference lies  
Between tears and crying.*

*I used to wonder  
About here and there –  
I think the distance  
Is nowhere.*

# Fronteira

Eu ficava matutando  
Sobre a vida e o fim dela –  
Acho que a diferença  
Fica entre o choro e a vela.

Eu ficava matutando  
Sobre aqui e algures –  
Acho que a distância  
É nenhures.

# *Ennui*

*It's such a  
Bore  
Being always  
Poor.*

# Tédio

É um  
Porre  
Ser sempre  
Pobre.

## March Mood

*The moon is naked.  
The wind has undressed the moon.  
The wind has blown all the cloud garments  
Off the body of the moon  
And now she's naked,  
Stark naked.*

*But why don't you blush,  
O shameless moon?  
Don't you know  
It isn't nice to be naked?*

## Lua de março

A lua está nua.  
O vento desnudou a lua.  
O vento soprou do corpo da lua  
Todo o enfeite de nuvens  
Agora ela está nua,  
Desoladamente nua.

Mas por que você não enrubesce,  
Ó lua sem-vergonha?  
Você não sabe  
Que é feio ficar nua?

## *Dream*

*Last night I dreamt  
This most strange dream,  
And everywhere I saw  
What did not seem could ever be:*

You were not there with me!

*Awake,  
I turned  
And touched you  
Asleep,  
Face to the wall.*

*I said,  
How dreams  
Can lie!*

But you were not there at all!

# Sonho

Ontem sonhei  
O sonho mais louco  
Por tudo eu via  
O que jamais poderia ser:

*Você não estava ali comigo!*

Acordado  
Me virei  
E toquei você  
Adormecida,  
O rosto virado.

Aí pensei:  
Como os sonhos  
Podem mentir!

*Mas você não estava mesmo ali!*

## Cora

*I broke my heart this mornin',  
Ain't got no heart no more.  
Next time a man comes near me  
Gonna shut an' lock my door  
Cause they treat me mean –  
They ones I love.  
They always treat me mean.*

## Cora

Esta manhã quebrei meu coração,  
Coração não tenho mais.  
Na próxima que um cara chegar perto  
Fecho e tranco minha porta  
Porque eles me maltratam –  
Aqueles que eu amo.  
Eles sempre me maltratam.

# *Island*

*Wave of sorrow,  
Do not drown me now:*

*I see the island  
Still ahead somehow.*

*I see the island  
And its sands are fair:*

*Wave of sorrow,  
Take me there.*

# Ilha

Onda de mágoa,  
Não me afogue agora:

Eu vejo a ilha  
Ainda que remota.

Eu vejo a ilha  
E sua areia é bela:

Onda de mágoa,  
Me leve até ela.

# *I, Too*

*I, too, sing America.*

*I am the darker brother  
They send me to eat in the kitchen  
When company comes,  
But I laugh,  
And eat well,  
And grow strong.*

*Tomorrow,  
I'll be at the table  
When company comes.  
Nobody'll dare  
Say to me,  
"Eat in the kitchen",  
Then.*

*Besides,  
They'll see how beautiful I am  
And be ashamed –*

*I, too, am America.*

# Eu também

Eu, também, canto a América.

Sou o irmão escurinho  
Quando chega alguém,  
Eles me mandam comer na cozinha  
Mas eu rio,  
Como bem,  
E fico forte.

Amanhã  
Sentarei à mesa  
Quando chegar alguém.  
Então ninguém se atreverá  
A me dizer:  
“Coma na cozinha”.

Aí eles vão ver como sou bonito  
E ficarão envergonhados.

Eu também sou a América.

## Cross

*My old man's a white old man  
And my old mother's black.  
If ever I cursed my white old man  
I take my curses back.*

*If ever I cursed my black old mother  
And wished she were in hell,  
I'm sorry for that evil wish  
And now I wish her well.*

*My old man died in a fine big house.  
My ma died in a shack.  
I wonder where I'm gonna die,  
Being neither white nor black?*

## Cruz

Meu pai é um velho branquela  
Minha mãe é uma preta velhinha.  
Se alguma vez xinguei meu velho  
O xingamento sobrou pra mim.

Se alguma vez xinguei mamãe  
Desejando que fosse pro inferno,  
Me desculpo pela vontade malsã  
E agora o meu desejo é terno.

O velho morreu numa casa bacana.  
Minha mãe morreu num barraco.  
Onde será que eu vou morrer,  
Não sendo nem branco nem preto?

# Democracy

*Democracy will not come  
Today, this year  
Nor ever  
Through compromise and fear.*

*I have as much right  
As the other fellow has  
To stand  
On my two feet  
And own the land.*

*I tire so of hearing people say  
Let things take their course.  
Tomorrow is another day.  
I do not need my freedom when I'm dead.  
I cannot live on tomorrow's bread.*

*Freedom  
Is a strong seed  
Planted  
In a great need.  
I live here, too.  
I want freedom  
Just as you.*

# Democracia

Democracia não virá  
Hoje, este ano  
Jamais  
Pelo compromisso e o medo.

Tenho tanto direito  
Quanto qualquer sujeito  
De ficar  
Sobre meus dois pés  
E com terra para arar.

Estou cheio dessa ladainha  
Deixa a coisa rolar.  
Amanhã é outro dia.  
Não preciso da minha liberdade, morto.  
Não consigo viver de pão mofo.

Liberdade  
É uma planta forte  
Plantada  
Na maior sorte.  
Vivo aqui, também.  
Quero liberdade  
Como a você convém.

# fiel-infiel

converter-se  
à lavra  
ao fado  
converter-se

converter-se  
a Langston  
ao banzo  
converter-se

converter-se  
à cor  
à dor  
converter-se

converter-se  
ao *blues*  
a Hughes  
subverter-se

*Sylvio Back*



# *Kinopoems*

(2006/2014)



## O cinema vai ao poema

Sylvio Back

Originalmente, *Kinopoems* era pura virtualidade. Surgiu como móbile holográfico no portal Cronópios<sup>1</sup> em 2006. Os versos ali se movem (*movie*) no éter e numa superfície (*screen*) autoinvertidos. Uma prestidigitação de câmara e fonemas criada pelo *designer* Pipol em forma de páginas rigorosamente inconsúteis. Medusa tecnológica.

Agora, este feixe de poemas-roteiro ganha a inexcelsível consistência de livro, da página impressa. Portanto, re-invertendo-se: do bruxulear eletrônico à concretude e à espacialidade da folha de papel. Uma operação que, se devolve corpo à sua escrita primeva, quando criados, também sacramenta uma contemporaneidade a toda prova: todos os códigos se imbricam, e são tão simultâneos e permeáveis quanto interdependentes. Ou seja, se bastam. E ponto final.

O próprio título deste florilégio, *Kinopoems*, é uma livre acoplagem verbal (*Kino* = cinema, em alemão; *poem* = poema, em inglês), neologismo que tem tudo a ver (e haver) com as multifacetadas criações dos autores aqui, existencialmente, cantados em prosa de versos.

---

<sup>1</sup> [www.cronopios.com.br](http://www.cronopios.com.br)

Gerados em diferentes épocas e estalos de consciência, deles emerge uma luminosa visibilidade, ecoando vida-e-obra de três vates a um só tempo, magníficos e imortais. O que até hoje vem sendo consumido, holisticamente, num toque do *mouse*, agora (Miguel) Bakun, (João da) Cruz e Sousa e (Paulo) Leminski renascem na tensão, atenção e intenções da palavra grafada tipograficamente, ambas as mídias atestando a longevidade e a permanência da poesia e dos poetas.

## Backianas microbiografias poéticas

Péricles Prade

O poeta Sylvio Back, integrante da luxuriosa linhagem retórica do renascentista Pietro Aretino, visceralmente é um criador, desde a adolescência, atraído pela irresistível vocação de cineasta. Afeiçoado a este motivo primordial, atendendo às exigências de um surto epifânico, escreveu, em épocas distintas, três textos de transparente literariedade, com alusões de abrangência intertextual, reunindo-os para a fruição dos leitores afinados à escritura de natureza pendular, mediante técnicas compreensivas dessas duas vertentes (poesia/cinema), tanto que os batizou “feixe de poemas-roteiro”.

Convicto da presença, neles, desses elementos agindo entre si, atento à linguagem de extração pós-moderna, utilizando-se de gramática estrutural em que emergem eventos verbovocovisuais, envolto numa teia de perceptível coesão, move seus *Kinopoems* (origem do título explicada no preâmbulo do livro) em várias direções, sem desequilibrar forma/conteúdo, para enriquecer o repertório léxico com figuras sonoras (ícones), cujas palavras/símbolos, trabalhadas como signos verbais, não se esgotam à leitura inicial deste instigante jogo sinestésico, combinatória fusão de obras de magníficos artistas falecidos.

Back, em virtude de sua natural inclinação fílmica, supõe que, nesta tríplice abordagem conjugada, o cinema vai ao poema. En-gana-se, todavia, apesar das características de seu estilo (estilema). Ao contrário, é o poema que vai ao cinema. E por quê? Porque se está diante de reconhecível *ekphrasis* (representação verbal da representação visual, mas que igualmente favorece a descrição de outros espectros da arte em geral). Enfim, trata-se de éfrase logológica, por estar, aqui, vinculada à literatura, considerada por Ezra Pound, como é ressabido, linguagem carregada de significado.

Corte para *close*: é o momento de, em sucinto regime, analisar a trilogia, composta pelas microbiografias poéticas, enlaçadas com tecido verbal revelador da qualidade do sentimento, como se fossem filmes mudos de eufônica sonoridade implícita (embutida), lembrando os dirigidos por D. W. Griffith, Vidor (King), F. W. Murnau, Vertov (Dziga), Pabst (Georg Wilhelm) ou Feuillade (Louis).

A primeira delas é devotada ao eslavo/paranaense Miguel Bakun, derivada da homenagem-resgate a ele prestada no autorretrato do pintor, maldito à maneira de Amedeo Modigliani, traçado no média-metragem lançado em 1984.

Compreende “Os Bakuns”, longo poema de várias palavras-valise que tem algo “dadá”, espécie de onomatopeia infantil (ou brincadeira do tipo “cadáver esquisito” de Jacques Prévert, no caso construído por um só poeta), devido à liberdade de sua fatura, que, nesta instância, seria aprovado por Tristan Tzara, Hugo Ball, Hans Arp, Louis Aragon e epígonos, se ainda vivessem.

Os ecos dos sons, dos fonemas consonânticos (mais) e vocálicos (menos), sílabas e palavras, repetidas algumas à farta, confortam-se ao fenômeno da aliteração. Também são detectáveis anadiplose, anáfora, antanáclase, assonância, diácope e cossante (paralelismo), relativas a hipóteses de proposital repetição.

De toda sorte, em que pese certa *rêverie*, não se percebe a intrusão-ruído da *fratasie* implicando *nonsense*, dada a congruência bem soldada de caráter alusivo, por força do sentido penetrado no cerne dos sintagmas.

Destaca-se, então, ao serem comparadas as três visões acopladas, a notável musicalidade do poema bakuniano, entre-mostrando-se, no ponto, a modalidade poundiana de melopeia, defluente da impregnação das palavras eleitas, no concerto do som e do ritmo de modulação atávica, imantado pela influência da paranomásia (semelhança de significados).

A segunda, sob os auspícios erótico-cromáticos de “A luz preta”, gira em torno do culto, elegante, abusado, invejado, tísico e falso ariano Cruz e Sousa (João da), poeta catarinense-universal, cingido à rede de seus sucessivos infortúnios propiciados pelos algozes de plantão, ao qual dedicou longa-metragem (1999).

Invocando Jean-Luc Godard, escritor como o foram Pagnol (Marcel), Cocteau (Jean), Kluge (Alexander) e Pasolini (Pier Paolo), entre outros, observa o autor, com plena razão, que, a exemplo do fascinante personagem de *Les carabiniers* (prefiro *À bout de souffle*), o nosso “*emparedado*” tentava entrar na ilusória cena de sua época. Contudo, não conseguiu romper a kafkiana porta da lei dos homens, permanecendo nos umbrais, desprezado pelos contemporâneos, à espera pelo menos da imortalidade terrena. Daí a perfeita glosa de que sua trajetória “parece um filme velado”.

O filme velado foi realizado pelo biógrafo redentor, em código compacto, poeticamente, na base de um ensaio-poema (ou vice-versa), pois o texto é articulado, no universo semântico, em termos de uma seriação/enumeração pura (*congérie*), comparecendo a associação por contiguidade, mormente na parte final (trechos com tipo itálico), composta por *enjambements* atípicos, ora encadeados, ora estróficos, ora lexicais, resvalando, às vezes, para a fronteira do território movediço da prosa poética, forma de arte de feição própria, introduzida por Aloysius Bertrand e continuada por Charles Baudelaire.

A terceira, cognominada “Leminskino”, ostensivo tributo ao curitibano Paulo Leminski, ofertado no média-metragem *Vida e sangue de polaco* (1982), constitui, em Sequência “O” e Cena Alfa de filme para ser lido, *insight* também teatral, em algumas de suas

passagens, de contida expressão no plano do Fantástico, ou do Maravilhoso, sob ângulo distinto.

Traz à ribalta, com rigor estético, o especular perfil multifacetado do poeta-samurai, servindo-se, mais uma vez, de remissão a filme e músico emblemáticos, como Sergei Eisenstein e Ryuichi Sakamoto, para entender sua vertical, generosa e inquieta compreensão do mundo.

Ainda que da prosa se valha, não adere ao denominado “signo-para” (transportado a uma ação, à margem do objetivo extraverbal ou transverbal), inerente ao eixo da contiguidade, mas ao “signo-de” (eixo da similaridade), como alerta Décio Pignatari, ao explicar a semiótica distinção de Charles Morris.

Assinala-se, ainda, que Back, no poema “Leminskino”, elabora moldura-móvil seguindo os dois níveis do fato linguístico de que trata Noam Chomsky, mantendo o indispensável equilíbrio entre os de competência (domínio técnico da linguagem) e de desempenho (quando criar com lastro no nível antecedente), ao realçar o complexo das metáforas incrustadas no modelo adotado, ou seja, o do paradigma lançado sobre o sintagma.

O mais relevante é que o autor, com tal viés, soube permitir, ao escrever desse modo, sob o pálio de Roman Jakobson, a projeção do eixo da similaridade sobre o da contiguidade, possibilitando o advento da função poética do ato criador.

As três microbiografias, ectoplasmas poéticos resultantes da precursora linguagem analógica (cinema), materializados e armazenados com amorosa fertilidade criativa, cumpriram, no exato instante da inserção do corpo analógico no corpo lógico das palavras, a sua tarefa germinativa, frutificando poesia singular da maior e melhor excelência literária.

# Os Bakuns

Eu ser. Eu ter. Eu mistério.  
Eu problema. Eu emismesnado.  
Eu nelesmesnado. Eu estimesnado.  
Eu espírito. Eu carne.

*Milton Carneiro ("Procissão de Eus", 1961)*

Bakun *portrait* Bakun 3x4 Bakun em preto-e-branco Bakun filme 8mm Bakun velado Bakun autocontraste Bakun decomposto Bakun mão no pescoço Bakun esfolado Bakun lágrima de metal Bakun hirsuto Bakun arbusto Bakun pessegueiros Bakun anima-ânimo Bakun sortudo Bakun olho-baço Bakun riso-maroto Bakun carnevale Bakun agri-dor Bakun laranjais Bakun fugidio Bakun empoado Bakun espátula singrante Bakun possuído Bakun araucárias & céu de anil Bakun o defunto era maior Bakun Mercedes benza-me! Bakun cafezal em *VistaVision* Bakun noite (a)dentro Bakun autíssimo Bakun mercado persa Bakun *lumpen* Bakun incenso Bakun piscadelas Bakun pendura-perdura-se Bakun unhas de terebintina Bakun assassino de paisagens? Bakun redivivo Bakun cianótico Bakun cotovelos apontados Bakun redoma Bakun *fantômas* Bakun ronda a ronda Bakun achados & perdidos Bakun remanso remando remendando arremedando Bakun terno novíssimo Bakun tinta úmida Bakun cavalo alado Bakun janelheiro Bakun cara-de-cachorro Bakun brisa-*brisé* Bakun enevoadado Bakun reptado Bakun desamado (desarmado?) Bakun ajoelha-te! Bakun deserotizado Bakun amarrado Bakun esfinge Bakun o caveira Bakun piá na poça Bakun dá bandeira Bakun nauta Bakun tostado de amarelo Bakun não Bakun nunca? Bakun tombado Bakun arco-íris Bakun acu(r)ado Bakun incógnito Bakun instigado Bakun expressionista? impressionista?

paisagista? Bakun repaginado Bakun dissertado Bakun doce novas  
fora Bakun fala grossa Bakun muxoxo Bakun na cama da vizinha?  
Bakun no berço da glória Bakun cala-te! Bakun pedinte Bakun gestos  
vácuos Bakun espacial Bakun desmemória-des-história Bakun de  
campana Bakun faz gênero Bakun ao pincel e à lua Bakun cavalete  
de pé quebrado Bakun retrato do vivo quando morto Bakun touro-  
toureiro Bakun (i)migrante Bakun índio de gíbi Bakun magenta Bakun  
revira-se Bakun marinheiro de primeira viagem Bakun preso Bakun  
preso-soltinho Bakun espeleólogo Bakun amorfo ou amachucado?  
Bakun atônito Bakun espana quadros Bakun enterra entes Bakun  
desenterra duendes Bakun reaparece Bakun à mesa branca Bakun  
entreouve-se Bakun pula & some Bakun Lóide & celuloide Bakun  
procelas Bakun esfacelado Bakun acionista do mundo Bakun se-  
greto-secreta Bakun emenda-te! Bakun sem amigos Bakun (a)traído  
Bakun *imóvil* Bakun amordaçado Bakun desacadêmico Bakun  
bailarino chinês Bakun gazeador Bakun não a trincos e antessalas  
Bakun descasa (na surdina) Bakun abestado Bakun *al mare* Bakun  
peixe-frito Bakun garfado Bakun choraminga Bakun implora  
Bakun resiste (quem sabe?) Bakun ombro quedado Bakun permeia-  
esperneia Bakun atravessa a sombra Bakun reencontra-te! Bakun  
enlouquece de só(l) Bakun acha-se atrás do tronco Bakun nuvem  
anamórfica nuvem bicho-papão Bakun fracasso-fracassante-far-  
sante Bakun em transe Bakun artes do capeta Bakun papa-hóstia  
Bakun no prego & nos pregos Bakun traficante de *cores* Bakun  
Tico-tico no fubá Bakun alfaiate Bakun todo soçobro Bakun  
locutor do além Bakun surpreende a respiração Bakun alquebra-se  
reergue-se persigna-se lamenta-se Bakun não se acorda Bakun  
nuinho Bakun inefável Bakun desfalece Bakun avoa Bakun *coward*?  
Bakun gargalha-gargantilha Bakun dentes saliva musgos Bakun  
exorciza-te! Bakun no ventre do presente Bakun domador de luzes,  
Bakun rasgos *riesgos* rusgas Bakun trombado assaltado cobrado  
trocado partido Bakun arroz com lentilha Bakun assinatura (sem)  
Bakun autenticado (fajuto) Bakun vingate! Bakun ferido e referido  
Bakun verbete *maudit* Bakun algo & algas Bakun Deus nos acuda  
Bakun rãs & sapucaias Bakun *predestination* Bakun inalcançável

Bakun passos miúdos Bakun passageiro de segunda Bakun desnaturado Bakun *otros y nosotros* Bakun só moldura Bakun sapos & cigarras Bakun rinha própria Bakun rodamoinho Bakun come-quieto Bakun intraduzível Bakun recanto recato encanto Bakun ex-náufrago Bakun poeira + ou – goma arábica Bakun respondão Curitiba madrastra Bakun de soslaio Bakun nos barros dos bairros Bakun entulho Bakun puxando a perna do sátrapa Bakun endemoniado Bakun carne & tez níveas Bakun ardor Bakun *never more* Bakun na curva Bakun descalço Bakun tintura d'alma Bakun queixo alevantado Bakun lábios tramados-travados Bakun verde-cinza Bakun estirado Bakun toratorada Bakun maré baixa Bakun tubarão Bakun não vê a hora Bakun fingido Bakun copa-colunata Bakun andorinha Bakun inseguro Bakun fados & fada madrinha Bakun tipo Johnny Weissmuller Bakun retórico e paregórico Bakun varzeano Bakun universo & anverso Bakun dalias com Bakun margaridas Bakun estradeiro Bakun sótão Bakun na encolha Bakun intuído? Bakun Baco? Bakun te manda! Bakun *outsider* Bakun gélido Bakun pérfido Bakun escafandrista Bakun desconfia Bakun prados e prédios Bakun lambe-lambe de mentirinha Bakun implode Bakun eclusa Bakun alumiado Bakun fita o horizonte Bakun raios que o partam Bakun profecia Bakun à moda Bakun *démodé*? Bakun tocha humana Bakun remoendo-se remoído Bakun curva-te! Bakun troça & trouxa Bakun obsessivo Bakun artesiano Bakun ao relento Bakun tome tento, homem! Bakun antônimo Bakun feitos confeitos defeitos Bakun linha torta Bakun tortinho da silva Bakun de circo Bakun duas caras duas casas duras metades Bakun óleos imolados Bakun drible fatal Bakun em guarda inútil Bakun estalo do padre Vieira Bakun ofegante Bakun gato sapato Bakun ira-radiante Bakun noutra margem Bakun saco de pancadas Bakun adejando Bakun dardejante Bakun comido-vomitado Bakun Fênix? Bakun santo do pau oco? Bakun devoto Bakun copiado Bakun soberba Bakun nada exemplar nada a ver Bakun fiado-fia-se Bakun o penúltimo Bakun flagrado Bakun fatiado Bakun estandarte Bakun escuso Bakun relâmpago Bakun aparição Bakun vate (vá-te, possessor!) Bakun zumbido de galho Bakun empastelado Bakun enguia Bakun anguloso Bakun amantíssimo Bakun ventríloquo

Bakun réstia de si Bakun precipício Bakun vira e mexe Bakun inquieta-se Bakun quieta-se Bakun cada segundo Bakun lanterninha do cine América Bakun consolação Bakun aprendiz Bakun mão aberta Bakun anteontem Bakun equinócio Bakun zen? Bakun ateu a toa Bakun antolhos Bakun emburra-se contra Bakun assoviante Bakun fortaleza Bakun sumido-sumiço-sumidouro Bakun onisciente Bakun pisoteado Bakun sonhante Bakun falsa eternidade Bakun mãos postas Bakun mulher oposta Bakun posudo Bakun lavagem da frente Bakun cadê o pintor? Bakun descrente Bakun inebriado Bakun embarga-te! Bakun escande-se Bakun córnea ver-te Bakun fundilhos ocre Bakun confessor Bakun réu confesso Bakun inocente Bakun imperdoado Bakun adulado Bakun pés e beijo fetais Bakun à baila Bakun à cata Bakun à caça-caçado Bakun capão da imbuia Bakun na costura da tela Bakun filho encruado Bakun rasteiro-rasteira-rastejante? Bakun lilás Bakun grotesco Bakun Miguel *my name is* Bakun às vésperas Bakun sem pistas Bakun despique Bakun violado Bakun fossilizado Bakun amarfanhado Bakun & Bakun fabro febril Bakun efêmero-efeméride? Bakun complexo B Bakun azo-azares Bakun estira-se Bakun lembra-te! Bakun esquece-se Bakun uiva Bakun socorro! Bakun agarra-se à miragem Bakun *dizzy* Bakun de cor e salteado Bakun paisagem de 1950 Bakun esmaece (parece que) Bakun Batman Bakun saltimbanco Bakun cambalhotas Bakun cordato à corda Bakun afim Bakun a fim Bakun empina pipa Bakun ejacula Bakun envergonha-se! Bakun doce afago Bakun *dolce vita* Bakun leito nupcial Bakun arfante Bakun cósmico Bakun cavaleiro andante Bakun brasa nas ventas Bakun ventania pouquíssima Bakun *lumière* rupestre Bakun ruas ladeiras vielas Bakun começo meio epílogo Bakun quase Bakun siga-me! Bakun fuzila-te, porra! Bakun recorre-se Bakun colérico Bakun por um nhapa Bakun rebusca-se Bakun sobe e desce Bakun súdito-súbito Bakun escaravelho egípcio Bakun tão belo Bakun carmen-carmim Bakun pomba-gira Bakun nariz pingado-pingando Bakun intolerável Bakun músculos bobos Bakun desalegre Bakun admite-se Bakun pano rapidíssimo Bakun pedaços ao léu Bakun volver Bakun volta-se-voltando Bakun xô xô xô...

ENFIM

## A luz preta

O poeta João da Cruz e Sousa é um estigma literalmente escuro da literatura brasileira. Por ser uma exceção na então sociedade escravocrata do século XIX, sua soberba negritude acabou por matá-lo aos 36 anos. Uma “igualdade” demais.

O preto no branco, P&B. Desde o início ele soube, como se uma película de nitrato fora, que seria “incendiado”. E não incensado – simbólico expediente comum na alvorada do cinema (que lhe foi vizinha), quando as salas eram perfumadas durante a exibição de filmes místicos e religiosos. Como o personagem de “Tempo de guerra” (*Les Carabiniers*, 1963), de Jean-Luc Godard, Cruz e Sousa tentava abarcar a tela, entrar na cena, assumir a luz bruxuleante da ilusão.

Inutilmente. Sua ambição e obra ficaram na penumbra do *mainstream* da poesia do seu tempo. Como o então “bizarro” cinematógrafo, o “Assinalado” (“A Terra é sempre a tua negra algema”) sobreviveu à madraçade dos contemporâneos. Antes de vitimá-lo, a posteridade reservou-lhe o portal da glória.

Ora fragmentária e etnicamente biografada, ora alvo de pura hagiografia, sua trajetória em Nossa Senhora do Desterro (nome original de Florianópolis, SC – do nascimento em 1861 à sua vivência e morte no Rio de Janeiro entre 1890 e 1898) parece um filme velado. Sobram vácuos estéticos e morais, além de contornos anímicos e existenciais que mais confundem do que decifram. Mesmo que se queira desideologizar o poeta, desenraizá-lo d’África ou despaisá-lo do Sul do Brasil, aproximar-se dele através de sua órfica e lunar poesia será sempre uma metáfora sobre a tragédia que é ser preto no Brasil – em todos os tempos.

Um negro de “alma branca” – segundo o torpe perfil que a lenda chancelou? Um preto apaixonado por loiras germânicas, flertando com um vocabulário, digamos, “valquiriano”, e cuja poesia tem induzido críticos a disfarçadamente até “nazificá-lo” *avant la lettre* (a ponto de, como Roger Bastide, contar os fonemas que “trairiam” sua etnia)?

Ou “o negro que não conhecia seu lugar”, um “preto estrangeiro” (na expressão do amigo e testamenteiro Nestor Vitor)?

Quem sabe o fascínio do personagem resida justamente nessas brutais contradições que lhe assolavam o íntimo cosmopolita de preto circulante naquela quadra onde um ódio latente e explícito aos seus continuava incólume. Quem sabe, repito, Roger Bastide tachou-o de racista com o ciclópico poema “*Marche aux flambeaux*” sob os olhos. Ali, Cruz e Sousa faz inacreditável e raivosa fé antissemita em versos de arrepiar (“Ó ventrudos judeus, opíparos, obesos,/De consciência obtusa, ignóbil e caolha/Que no mundo passais grotescamente tesos”).

Da mesma forma que, em carta enaltecida ao escritor catarinense Virgílio Várzea, o poeta comunga do *Weltanschauung* recorrente da época, de suposta comprovação científica da superioridade racial dos brancos, negando a própria natureza e atávico vínculo com suas raízes africanas: “[...] para mim, pobre artista ariano, sim, porque adquirir, por adoção sistemática, as qualidades altas dessa grande raça”.

Então um negro culto e abusado, sempre elegante e galante, na busca por autoembranquecimento como atalho para ascender, fugir da casta (talvez se espelhando no seu igual-desigual, o inigualável, Machado de Assis – um “mulato à inglesa”, como se dizia, maldo-samente, num tempo em que ninguém queria ser preto ou cafuzo)? Ou o horror letal do crioulo gênio crente que basta o talento para ser reconhecido – sem desconfiar que, para além do racismo mais vil, germina o cancro da inveja.

Nem a desgraça cotidiana notória e a morte de Cruz e Sousa redimiram os seus alçozes das redações, dos suplementos literários, das editoras, da repartição pública, das rodinhas e tertúlias literárias.

Nem o negro bem-sucedido, o jornalista e escritor José do Patrocínio, de olho na história ao pagar seu enterro, inconscientemente, sobre o caixão deitou em forma de coroa o alívio e o escárnio de toda uma geração. A pessoalmente ciclópica obra de Cruz e Sousa, única em toda a língua portuguesa, é a maior vingança.

*Cruz e Sousa é o vagão de gado, o cadáver tísico, batom de sangue fresco nos lábios – ao colo grávido da amada Gavita, a “preta doida” do Encantado.*

*Cruz e Sousa é o andor que alegre carrega as paixões pela atrizinha branca Julieta dos Santos e pela adolescente Pedra Antióquia, negra “deidade linda” – sua noiva-donzela por oito anos.*

*Cruz e Sousa é o tantã da musa atávica “Vozes veladas, veludosas vozes/Volúpias dos violões/[...] Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas”.*

*Cruz e Sousa é a sombra chinesa que passa incógnita pela sofisticada rua do Ouvidor, empobrecido, adoecido e tão “enegrecido” quanto todos os exilados pela cor.*

*Cruz e Sousa é o seu próprio rio “[...] amargamente sepulcral, lutuoso, amargamente rio” – nele suicidando-se em sonhos de grandeza literária e nobreza social.*

*Cruz e Sousa é a fome de Gavita e dos filhos, “[...] indigência terrível, sem vintém para remédios, para leite, para nada”, que ele inerme assiste de um palco mambembe.*

*Cruz e Sousa é a solitária vela acesa no altar – encimado com sua última foto – onde os parques e fiéis simbolistas lhe “rezam” os poemas em uníssono.*

*Cruz e Sousa é a pomba-gira que baixou à revelia no terreiro da poesia brasileira, desossando-a de toda e qualquer possibilidade de um duplo.*

*Cruz e Sousa é o excitado Eros (“[...] Carnais, sejam carnavais tantos desejos”) a banhar-se nas areias desérticas da lagoa da Conceição, em Nossa Senhora do Desterro.*

*Cruz e Sousa é o voyeur impertinente da vaziez provinciana que o expele como depois a ex-corte o trituradora.*

*Cruz e Sousa é a abolição das senzalas, das tribunas e guerrilhas literárias, “[...] escravocratas eu quero castrar-vos como um touro – ouvindo-vos urrar!”.*

*Cruz e Sousa é o “emparedado” – a atroz rejeição e desqualificação, inclusive entre os seus, para quem sempre foi “branco demais”.*

*Cruz e Sousa é a efígie fantasma do olhar ebúrneo que durante décadas congelou no cemitério São Francisco Xavier do Rio de Janeiro.*

*Cruz e Sousa é hoje poeira que levita pelas esquinas da Ilha de Santa Catarina, o dedo em riste, exigindo reconhecimento e visibilidade antes de ser, mais uma vez, desterrado.*

NO EXIT

# Leminskino (um filme para ser lido)

## SEQUÊNCIA 0

INT/NOITE – Biblioteca. Casa em Curitiba. Anos 1980.

### Cena Alfa

De cócoras sobre roto tatame, um homem de seus 40 anos, vestido de judoca (quimono ornamentado com *haikais* de Issa Bashô Alice Ruiz), medita – olhos de peixe fígado, tez e *nez* de *polonais* mestiço, juba africana.

Numa das mãos, copo de cerveja sem espuma; noutra, caixa de fósforos com mirra enfiada no miolo do tampo; de uma das extremidades às vezes ele aspira vapor como se de um narguilé rimbaudiano fora.

Articuladas à sua concentração outras figuras sorrateiramente intrometem-se na ação tentando protagonizá-la.

No chão espelhado de tagarelas tatuagens de antanho, ideogramas à Eisenstein esganando o *diktat*, iluminuras cristãs soturnas como sói – o poema em risco.

Do alto tenda de sangue pólvora suor essência de cona, cerca viva de esperma, e relva da juventude, se movem brilhosos – réptil de pesadelo.

Atados a prego máscaras de poetas zombeteiros impacientes com os deuses, epítetos enclausurados no mote, mulheres pudendas e os inimigos idos e vindos – além dos penetras de praxe augurando agouro.

No ambiente turbante *zombies* mal disfarçados e demos largados.

A fúria dos acordes *zen-haitec* de Ryuichi Sakamoto corroem a cerimônia-transe do magnífico samurai das araucárias.

Papiros vasculhados, suspense de fonemas, livros pirogravados de Mishima, Rosa, Propp, Malone, Beckett, Petrônio, Fante.

Na cabeceira do rio Liffey da linguagem, catatau de poemas rimagens do inédito, hieróglifos e gravetos semânticos inda sem pai nem mãe.

O *rock* de Cruz e Sousa: carma áureo.

Trotzky Borges Pound Cristo – cantos crípticos.

Lennon e as chagas que exorcizam utopias baleadas pelas costas.

A Estrela-menina da terra sem males lê a estrofe dependurada no ilustre caraíba: uma biblioteca de Alexandria a salvo da fagueira Curitiba.

Tão rápido quanto as fugas ao léu para redecorar as narinas e ouvir o vento dos sonhos níveos, ele se posta hirsuto no centro da sala – azado para o combate invisível e inviável.

A mais terrena das solidões acode às suas pupilas mas finge êxtase mastigando a gelatina das bochechas.

Os lábios singram palavras mudas e amuadas – estridentes.

Suave e felino põe-se *movies, la terra trema*.

Sobre círculos mínimos, como uma cantárida mutilada, dá sobrepassos de goleiro, arca os braços do pênalti – sequer há flechas ou alvos.

Há golpes e goles, golfadas e estocadas.

O punho estala: aos poucos maré alta de músculos veias nervos em ponto de bala, nosso herói começa a levitar, os artelhos sujos da noite balouçam, mortalmente, nonados.

O aguerrido *warrior* de súbito aderna, cambaleia, a carcaça ameaça tombar.

E como que assoprado por algum duende impensado vê sua vontade aloprar – energia centrípeta, incoercível, incontornável, inimputável.

Galinha sem cabeça, pomba-asteroide.

O bigode-Rasputin perde o prumo – não o rumo.

No entanto, tudo é *sonrisas*.

Maior o redemoinho do corpanzil maior o rumor da carne e d'alma – uma alegria do primevo arreganho fetal.

Fora do *self*, prisioneiro de atávica *lumière*, ele agora é uma velocíssima e formidável adaga – multicolor multifacética multi-profética.

Existência e tenência – uma coisa só.

Urdiduras do verbo e os interstícios do signo.

Infância e maturidade desossadas.

Desejos e o que nem chegou a vingar.

Vícios e versos – meros anelos.

Numa fusão lenta misto de véu e céu um bem temperado feixe holográfico intumesce a tela.

Ectoplasmando recorrentes casulos de angústias medos dores fictícias, o nosso personagem emite um belo berro de puro gozo.

FIM



## Elucidário

**Bakun, Miguel** (1909-1963), natural de Mallet (PR), de origem eslava, suicidou-se em 1963, aos 54 anos, em protesto às injustiças orquestradas pelo poder cultural em Curitiba. Ao longo dos anos transformou-se numa espécie de artista “maldito”. Com toques pós-impressionistas e expressionistas, no entanto, é hoje considerado o maior pintor paranaense. Sua vida e quadros, muitos de inspiração mística, foram resgatados através de insólitos transes mediúnicos no média-metragem “O Auto-Retrato de Bakun” (1984), de Sylvio Back.

**Cruz e Sousa, João da** (1861-1898), nascido em Nossa Senhora do Desterro (hoje Florianópolis/SC), filho de escravos alforriados, é o fundador do movimento simbolista no Brasil. Morto de tuberculose aos 36 anos na Estação do Sítio (MG), onde fora se tratar, produziu uma obra estética e ética consistente e de grande amperagem erótica, que matizou toda a poesia brasileira do século XX. Teve sua vida-poemas-e-morte reinterpretados por Back, em forma de versos, no longa-metragem “Cruz e Sousa – O Poeta do Desterro” (1999).

**Leminski, Paulo** (1944-1989), é poeta, romancista, tradutor, ensaísta e letrista. Filho de pai polaco e mãe negra, nascido em Curitiba (PR), morreu aos 44 anos. Construiu uma obra que transcendeu as fronteiras paranaenses, tornando-se referência nacional. É hoje cultuado como o poeta mais influente de sua geração, mote de inúmeros estudos, fato inédito na história recente da nossa literatura. Foi casado com Alice Ruiz, também poeta, época em que ambos são retratados no média-metragem “Vida e Sangue de Polaco” (1982), de Sylvio Back.



## © autor

Sylvio Back, cineasta, poeta, roteirista e escritor. Filho de imigrantes húngaro e alemã, nascido em Blumenau (SC). Ex-jornalista e crítico de cinema, autodidata, inicia-se na direção cinematográfica em 1962, tendo realizado e produzido até hoje 38 filmes, doze dos quais longas-metragens: “Lance Maior” (1968), “A Guerra dos Pelados” (1971), “Aleluia, Gretchen” (1976), “Revolução de 30” (1980), “República Guarani” (1982), “Guerra do Brasil” (1987), “Rádio Auriverde” (1991), “Índio do Brasil” (1995), “Cruz e Sousa – O Poeta do Desterro” (1999), “*Lost Zweig*” (2003), “O Contestado – Restos Mortais” (2010) e “O Universo Graciliano” (2013).

Publicou 25 livros (poesia, contos, ensaios) e os argumentos/roteiros dos filmes “Lance Maior” (Fundação Cultural de Curitiba, 1975; Imago, Rio de Janeiro, 2008); “Aleluia, Gretchen” (Fundação Cultural de Curitiba, 1975; Movimento, Porto Alegre, 1978; e Imago, Rio de Janeiro, 2005); “República Guarani” (Paz e Terra, Rio de Janeiro/São Paulo, 1982); “Sete Quedas” (Casa Romário Martins, Curitiba, 1980); “Vida e Sangue de Polaco” e “O Auto-Retrato de Bakun” (Umuarama/Bamerindus, Curitiba, 1982/1985); “Guerra do Brasil” por Sylvio Back (Cadernos Cineamericanidad/

Fundação Cultural de Curitiba, 1992); “Rádio Auriverde” (Secretaria de Cultura do Paraná, 1991); “Yndio do Brasil” (Nonada, Ouro Preto, 1995); “It’s All Brasil” (Fundação Memorial da América Latina, São Paulo, 1995); “Zweig: A Morte em Cena” (Instituto Goethe do Rio de Janeiro, 1995); “Cruz e Sousa – O Poeta do Desterro” (tetralíngue; 7Letras, Rio de Janeiro, 2000); “*Lost Zweig*” (bilíngue; Imago, Rio de Janeiro, 2007); e “A Guerra dos Pelados” (Annablume, São Paulo, 2008).

Obra poética: “O Caderno Erótico de Sylvio Back” (Tipografia do Fundo de Ouro Preto, 1986); “Moedas de Luz” (Max Limonad, São Paulo, 1988); “A Vinha do Desejo” (Geração Editorial, São Paulo, 1994); “Yndio do Brasil” – Poemas de Filme (Nonada, Ouro Preto, 1995); “*boudoir*” (7Letras, Rio de Janeiro, 1999); “Eurus” (7Letras, Rio de Janeiro, 2004); “Traduzir é Poetar às Avessas” (Langston Hughes por Sylvio Back) (Memorial da América Latina, São Paulo, 2005); “Eurus” (bilíngue português-inglês; Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2006); “*Kinopoems*” (@-book) (Cronópios Pocket Books, São Paulo, 2006); “As Mulheres Gozam pelo Ouvido” (Demônio Negro, São Paulo, 2007); “Quermesse” – Obra Erótica Reunida (Topbooks, Rio de Janeiro, 2013); “*Kinopoems*” (Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014); “Antologia da Poesia Erótica Brasileira” (Ateliê, São Paulo, 2015); “Musas de Carne e Osso” (Editora YiYi Jambo, Assunção, Paraguai, 2017); e “Musa Fugidia” – A Poesia para os Poetas; organização Edson Cruz (Editora Moinhos, Belo Horizonte, 2017).

Com 77 láureas nacionais e internacionais, Sylvio Back é um dos mais premiados cineastas do Brasil.

2007: Medalha do Mérito Cultural Cruz e Sousa do Governo de Santa Catarina.

2011: Insígnia de Oficial da Ordem do Rio Branco, concedida pelo Ministério das Relações Exteriores, pelo conjunto de sua obra cinematográfica e de roteirista.

2012: Eleito para o PEN Clube, tornando-se o primeiro cineasta brasileiro a integrar o prestigioso organismo internacional.

2013: Comenda de Cavaleiro da Ordem do Mérito Palmares,

do Estado de Alagoas, como reconhecimento pelos “relevantes serviços prestados à sociedade brasileira no campo cultural”.

2015/2018: Eleito/reeleito presidente da Diretores Brasileiros de Cinema e do Audiovisual (DBCA), sociedade de gestão coletiva pela defesa dos direitos autorais do diretor.

2020: Título de “Doutor Honoris Causa” pela Universidade Federal de Santa Catarina pelo conjunto de sua obra literária e cinematográfica dedicada à arte e à cultura catarinenses e brasileiras.

Este livro foi editorado com as fontes  
Gilroy e Minion Pro. Publicado on-line em:  
<[editora.ufsc.br/estante-aberta](http://editora.ufsc.br/estante-aberta)>.



2019 BACK

# SILENCIARIO

